

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Miroslav Milovic: Uma nova democracia: ainda é possível superar a apatia política?

PÁGINA 08 | Alain Touraine: A falta de mobilização social como deficiência da política contemporânea

PÁGINA 10 | Marcel Gauchet: Crise de crescimento da democracia: “Todos somos livres, mas já não temos mais nenhum poder coletivo”

PÁGINA 13 | Benilton Bezerra Jr.: 1968: a passagem de um direito conquistado a uma norma instituída

PÁGINA 17 | Ernesto Laclau: 1968 e a construção de um novo discurso político

PÁGINA 19 | Juremir Machado da Silva: “1968 reduz enormemente a carga de hipocrisia da sociedade”

B. Destaques da semana

» Filme da Semana

PÁGINA 24 | Sicko - \$O\$ saúde, de Michael Moore

» Invenção

PÁGINA 26 | Augusto de Campos

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 28 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 31 | Marcus Mello: “O que engendra a violência é a pobreza absoluta verificada nas periferias brasileiras”

PÁGINA 33 | Marie Ann Wangen Krahn: Pesach: origens e história desta principal festa judaica e a sua ligação com a Páscoa cristã

PÁGINA 34 | Maria Rosicler Ferretto Barbosa: O sentido da Santa Ceia implícito na arte

PÁGINA 35 | Celso Candido de Azambuja: A reinvenção do ser humano a partir da revolução das máquinas

» Perfil Popular

PÁGINA 39 | Olívia Carmem Pires de Almeida

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Maria Aparecida Marques da Rocha



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Uma nova democracia: ainda é possível superar a apatia política?

Para o filósofo Miroslav Milovic, o fracasso do movimento de 68 serviu para articular uma nova democracia

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN

“**A**s guerras são sempre a negação dos Outros. Os Outros quase sempre eram os inimigos. Os inimigos assim justificam a política do Estado”, comenta o filósofo Miroslav Milovic. Para o pesquisador, eles se tornaram personagens “insubstituíveis” no cenário político. E, agora, ficar sem adversários “significa para alguns Estados ficar sem política”.

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, embasado nas teorias de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau, o filósofo destaca as manifestações de 1968 como uma possibilidade de pensar a “política não-representativa”. Só assim, garante, será possível construir uma nova democracia. Além de uma apatia política criada nos últimos 40 anos, Milovic chama a atenção para a disseminação da indiferença em áreas como a cultura e história. Essa insensibilidade silencia os indivíduos e assegura “padrões e fundamentos inquestionáveis”.

Miroslav Milovic é graduado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Belgrado, e doutor na mesma área, pela Université de Paris IV e pela Universität Frankfurt. Atualmente, é docente da Universidade de Brasília (UnB).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Qual é o maior legado político do Maio de 1968?

Miroslav Milovic - Respondendo, numa entrevista, às perguntas de Sartre,¹ Daniel Cohn-Bendit,² um dos líderes do movimento, fala: “A força do nosso movimento reside justamente na

1 **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio “O existencialismo é um humanismo”, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

2 **Daniel Marc Cohn-Bendit** (1945): político francês. Foi líder estudantil na revolução ocorrida em maio de 1968, na França. (Nota da IHU On-Line)

“Os partidos criam só a condição da retificação da política. E, como se sabe, o partido comunista francês não apoiou o movimento estudantil”

espontaneidade incontrolável em que se apóia (...). Para isso é necessário evitar, de imediato, o surgimento de uma organização, a definição de um programa que seriam inevitavelmente paralisantes. A única chance do movimento é justamente esta desordem...” (em: Gomes, F. A. *A rebelião dos jovens*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1968). Penso que o legado importante do maio de 1968 está nessa possibilidade de pensar a política não-representativa, além dos partidos. Os partidos criam só a condição da retificação da política. E, como se sabe, o partido

comunista francês não apoiou o movimento estudantil.

IHU On-Line - Qual é a influência do Maio de 68 sobre a Nova Esquerda? Que propostas e desafios persistem e que outros se descortinam com o avanço da pós-modernidade?

Miroslav Milovic - Parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando as várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro. As guerras são sempre a negação dos outros. Os Outros quase sempre eram os inimigos. Os inimigos assim

justificam a política do Estado. Ficar hoje sem os inimigos significa para alguns Estados ficar sem a política. Desse modo, vejo as perguntas e perspectivas para uma elaboração pós-moderna. Poucos utilizam essa palavra, e é melhor entendê-la no sentido da confrontação com a modernidade e não no sentido de uma continuação parasitária. A influência de Maio de 68 sobre a nova Esquerda poderia ser essa confrontação com as formas tradicionais da política da identidade. Mas, por outro lado, o movimento fracassou. Isso renova as questões anteriores. Anarquismo ou movimento operário organizado? O fracasso do movimento fala, assim parece, em favor de uma organização marxista. Mas, separando-se do anarquismo, parece que Marx também perdeu em muito o dinamismo da ação.

IHU On-Line - Por que razão Chantal Mouffe afirma que a modernidade só consegue chegar até uma democracia representativa, e não a uma democracia participativa?

Miroslav Milovic - A condição humana na Modernidade, para Mouffe,³ é mais individual e econômica do que política e coletiva. Por isso, a modernidade chega só até a uma democracia representativa e não até a uma democracia participativa. O mundo liberal não é necessariamente ligado à democracia. Esse é o ponto onde Mouffe, procurando a inspiração em Carl Schmidt, irá se confrontar com autores como Rawls,⁴ Rorty⁵ e Habermas.⁶ Precisamos, en-

3 Chantal Mouffe: filósofa americana, autora de *Dimensions of radical democracy* (London: Verso, 1992) e *The democratic paradox* (London: Verso, 2000). (Nota da IHU On-Line)

4 John Rawls (1921-2002): professor de filosofia política na Universidade de Harvard, autor de *Uma teoria da justiça* (A Theory of Justice, 1971) e *Political liberalism* (1993). (Nota da IHU On-Line)

5 Richard Rorty (1931-2007): filósofo estadunidense. Sua principal obra é *Philosophy and the mirror of nature* (Princeton: Princeton University Press, 1979). (Nota da IHU On-Line)

6 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Ele aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para o pesquisador, o logos deve contruir-se pela

“O fracasso do movimento fala, assim parece, em favor de uma organização marxista. Mas, separando-se do anarquismo, parece que Marx também perdeu em muito o dinamismo da ação”

tão, repensar a política para articular as condições de uma nova democracia que Mouffe, junto com Laclau⁷, vai chamar a democracia radical ou agonística.

IHU On-Line - A que se deve a apatia política, um dos elementos que impedem que a democracia participativa se consolide?

Miroslav Milovic - Apatia é a palavra adequada. Significa a falta de vida, ou a vida ausente na política. E isso é o fato cultural, que não se encontra só na política. A apatia é da cultura e da história, silenciando as pessoas e afirmando os padrões e fundamentos inquestionáveis. Alternativa não são os partidos. Mesmo os da esquerda, quando no governo, criam equívocos, porque o interesse da esquerda obviamente não é de governar e estabelecer as novas hierarquias em lugar das tradicionais e modernas. Agamben⁸ acre-

troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias do Dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

7 Confira nessa edição uma entrevista com o filósofo Ernesto Laclau. (Nota da IHU On-Line)

8 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*

dita que a democracia moderna seja incapaz de pensar uma política não estatal. Criar alternativas, afirmar a sociedade civil, a desobediência civil, quando precisar, são os sinais de uma outra possibilidade da democracia.

IHU On-Line - Nesse contexto, a democracia radical poderia surgir como um elemento substitutivo às democracias representativas e participativas? Como? Em que consiste, especificamente, essa proposta de democracia radical?

Miroslav Milovic - Chantal Mouffe deseja elaborar uma concepção antifundamentalista da política. A inspiração é, por um lado, derridiana, pensando o conceito da diferença, e, por outro, psicanalítica, pensando o caráter conflitivo da natureza humana. Neste sentido, Mouffe fala inclusive sobre os perigos de uma teoria que procura as soluções consensuais e assim marginaliza os verdadeiros conflitos. Penso, neste contexto, em meu país, ex-lugoslávia, cujo conflito também pode melhor ser entendido dentro dessa reconstrução de Chantal Mouffe. O co-

(Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista “Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben”, com o filósofo Jasson da Silva Martins. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

“O futuro do Brasil não é seguir os caminhos estabelecidos e metafísicos da globalização. Isso seria muito estranho, ou seja, um país tão grande ficar como uma pequena nota de rodapé na história”

“Agamben acredita que a democracia moderna seja incapaz de pensar uma política não estatal. Criar alternativas, afirmar a sociedade civil, a desobediência civil, quando precisar, são os sinais de uma outra possibilidade da democracia”

munismo postulou um certo consenso, a solidariedade ou irmandade dos povos dentro do universal projeto da sua realização. Assim, os verdadeiros conflitos entre os povos nunca chegaram à articulação política. Depois da morte de Tito, o conflito aberto apareceu. O governo dele não conseguiu, nas palavras de Mouffe, transformar o antagonismo em agonismo, nem o conflito numa competição política. O conflito iugoslavo mostra o perigo das soluções consensuais que excluem a política. O consenso esconde conflitos. Na ex-Iugoslávia, mostrou-se que crer em consenso pode ser uma grande ilusão. Isso é o momento que me interessa particularmente.

Creio que Mouffe quer renovar a questão da democracia depois de Marx. Marx não é um pensador da democracia. Pelo contrário, pensa que a democracia é o contexto da emancipação política limitada. A pesquisadora também quer ampliar a questão da democracia, que precisaria chegar até a nossa casa.

IHU On-Line - A abertura ao Outro, proposta pela democracia radical de Mouffe e Laclau, seria a consecução do real objetivo da democracia, isto

é, ser um governo da maioria, ao contrário do que se percebe hoje, quando a democracia se converteu em sinônimo de governo das minorias?

Miroslav Milovic - A teoria de Mouffe e Laclau é bastante inspiradora. Penso, por exemplo, que a busca de uma implícita ou explícita intersubjetividade, em que o caso iugoslavo também poderia, de uma certa maneira, ser colocado, cria os problemas para a política. A Iugoslávia podia, eventualmente, sobreviver baseada nos conflitos e não no consenso ou na intersubjetividade comunista.

Mas, na teoria de Mouffe, mesmo falando sobre a democracia radical, a afirmação do caráter conflitivo da diferença não se tematiza de um jeito radical. Falando, por exemplo, sobre o pluralismo político, Mouffe simplesmente o postula. O pluralismo não é uma afirmação ontológica, mas um fato histórico. É o próprio início da Modernidade liberal. Tenho muitas dúvidas com essa ligação entre o liberalismo e o pluralismo. Liberalismo é apenas uma forma da identidade social capitalista e não a afirmação do indivíduo e da diferença. Outro problema é que Mouffe, e isso o aproxima de Habermas, deseja ainda seguir o

projeto Moderno, europeu. Parece-me difícil imaginar a possibilidade da diferença e do pluralismo dentro desse explícito eurocentrismo.

IHU On-Line - É possível que as sociedades contemporâneas, e em específico as latino-americanas, possam transformar o conflito político em competição política, no autêntico agonismo que leva em consideração o conceito da diferença e o caráter conflitivo da natureza humana?

Miroslav Milovic - Espero que sim. Cheguei ao Brasil com muito otimismo sobre os movimentos. Eles são sinais da vida na terra, que se transforma cada vez mais no deserto político. A política brasileira poderia aprender muito dos movimentos. O futuro do Brasil não é seguir os caminhos estabelecidos e metafísicos da globalização. Isso seria muito estranho, ou seja, um país tão grande ficar como uma pequena nota de rodapé na história.

LEIA MAIS...

* Modernidade e política segundo Hannah Arendt. Entrevista especial com Miroslav Milovic

O material está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

A falta de mobilização social como deficiência da política contemporânea

Para o francês Alain Touraine, Maio de 68 deve ser visto como um momento positivo da história

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

O sociólogo francês Alain Touraine, autor do livro *Le monde des femmes* (Paris: Fayard, 2006. *O mundo das mulheres*, traduzido e publicado pela Petrópolis: Vozes, 2006) e *Penser autrement* (Paris: Fayard, 2007), em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, na última sexta-feira, recorda o episódio de Maio de 68 após os 40 anos de transformações políticas e sociais ocorridas no mundo e, principalmente, na América Latina. O pensador fala também sobre a crise dos movimentos sociais nos dias atuais. Segundo Touraine, que também é autor de *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje* (Petrópolis: Vozes, 2006), “estamos em um período de muito baixo nível de mobilização popular”.

Touraine tornou-se conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. O ponto de interesse vital da sua carreira tem sido o estudo dos movimentos sociais. Em seus escritos, ele aponta para as transformações pelas quais a sociedade moderna e industrial vem passando. É autor de, entre outros, *A sociedade pós-industrial* (Lisboa: Moraes, 1970).

IHU On-Line - A partir das lutas sociais de Maio de 68, como a sociedade moldou e estruturou seu futuro? Os acontecimentos de 68 e a conquista da democracia mudaram, efetivamente, algumas questões sociais no que se refere, por exemplo, ao direito de igualdade e liberdade?

Alain Touraine - A situação é muito mais complexa, do meu ponto de vista. Maio de 68 não foi um movimento político nem social. Foi um movimento cultural dominado pelo tema da liberalização da juventude, não apenas em sua sexualidade, mas em todos os aspectos de sua vida. Isso, na época, era algo muito inédito, que se depa-rou com uma resistência forte. Somente hoje em dia, em minha opinião, se reconhece um pouco da importância histórica, no sentido de premonição de 68, que anunciou coisas que viriam a ter mais importância no futuro. Entre 1968 e nós, houve todo o período

liberal, que estava negando esse aspecto de aparição de novas demandas e novos comportamentos de tipo pessoal ou público. Este ambiente liberal tem adquirido um papel cada vez mais reflexivo, onde se vê, especialmente, também, a insegurança e a necessidade de condenar. Isso se explica pela ausência e até pelo desaparecimento de atores sociais e de exigências de reformas políticas, o que não existe mais, porque não há mais ditaduras. A

Divulgação



“Maio de 68 não foi um movimento político nem social. Foi um movimento cultural dominado pelo tema da liberalização da juventude, não apenas em sua sexualidade, mas em todos os aspectos de sua vida”

reforma social desapareceu, porque o mundo passou a ser fragmentado. De tal maneira que os anos 1970, 1980 e 1990 foram dominados por algo que, ao contrário de 1968, foi um tipo de determinismo social materialista, que segue um sistema de dominação total e onde os atores não podem existir. A noção de ator praticamente desaparece dando lugar à figura da vítima. Contra essa imagem dominante, Maio de 68 aparece e é apontado como uma

confiança na capacidade dos atores de mudar sua situação, de transformar o mundo. E por essa razão, o episódio aparece como muito positivo, mas para muita gente pareceu perigoso.

IHU On-Line - Passados 40 anos das lutas pelo direito à democracia, como o senhor percebe o sistema político e as transformações sociais na América Latina? Conquistamos a democracia e não sabemos o que fazer com ela?

Alain Touraine - Enquanto América Latina, o que é totalmente outra coisa, é muito evidente que o continente, em seu conjunto, saiu dos regimes ditatoriais, mas entrou pouco ou muito parcialmente na democracia. Aqui tem muita importância o caso venezuelano, que teve influência na Bolívia, no Equador e em outros países, porque a influência simbólica de Chávez não se pode comparar com a de Fidel Castro. Mas o que é certo é que não há um importante papel das forças armadas, não há grandes conflitos internos, mas, sim, a necessidade da formação de atores políticos, de demandas sociais, de movimentos sociais. É mais fácil falar do fim de um regime autoritário do que do nascimento ou fortalecimento da democracia.

IHU On-Line - Por que a juventude e os trabalhadores, em geral, protestam numa escala muito menor ou quase inexistente, se comparado a Maio de 68? A conquista da democracia nos transformou em seres “iludidos”?

Alain Touraine - Sua pergunta é importante e muito difícil de responder. E não é à toa que você faz essa pergunta aí do Brasil, onde assistimos, com certa curiosidade, que a primeira eleição de Lula não teve como consequência nenhuma mobilização social. Ao contrário. Em todo esse período, houve pouquíssima mobilização. Na minha visão, não há um processo político muito agudo nem na Argentina, nem no México. Por um momento, o Chile teve seu processo relativamente forte. Mas sabemos que não foi o caso nem de movimentos sociais, nem de novas formas ou elementos de de-

“Eu defendo essa idéia de que, sim, as mulheres estão gerando uma nova cultura. Mas na opinião pública essa idéia não está tão forte. No caso latino-americano, eu diria que a visibilidade do movimento de liberação feminina é muito pouca”

mocratização. Eu mencionava que tivemos de 1970 até agora um período liberal. E nesse período liberal se formaram setores novos, orientados para o comércio internacional, e isso se vê muito mais claramente no caso do Brasil. Mas também se abandonaram, em todos os países do mundo, mas principalmente na América Latina, os esforços para reintegrar a parte pobre da população. Nesses últimos 30 anos, a distância entre ricos e pobres aumentou, inclusive em países como o Chile, onde a indignação praticamente desapareceu. No caso do Brasil, podemos falar de uma desilusão, não muito grande, mas notável, em relação às desigualdades sociais. No entanto, a América Latina se mantém (a Argentina, Chile, México e até o Brasil) na primeira fila em termos de desigualdade social. E, quando há muita desigualdade social, a capacidade de pressão dos pobres é mais baixa.

IHU On-Line - Que mudanças de paradigma podem ser destacadas como positivas no que se refere à luta das

mulheres em maio de 68? Esse período foi crucial para auxiliar na construção do que o senhor denomina atualmente como “sociedade de mulheres”?

Alain Touraine - A situação das mulheres tem evoluído lentamente no caso do conjunto dos continentes. Desconsiderando os grupos de mulheres com cultura universitária, os direitos das mulheres têm mudado pouco. Por exemplo, no Chile, faz muito pouco tempo que o divórcio foi aceito. Nesse aspecto, eu diria que a modernização cultural das sociedades latino-americanas está muito insuficiente.

IHU On-Line - 40 anos depois das reivindicações que marcaram a década de 1960, que obstáculos ainda devem ser superados e que ideais as mulheres ainda precisam conquistar?

Alain Touraine - Na questão das mulheres, tivemos, em primeiro lugar, uma busca pelos direitos políticos, que teve seu centro e seus êxitos principais na Grã-Bretanha e depois em outros países. Em segundo lugar, houve uma série de conquistas muito mais relacionadas à vida pessoal, por exemplo, a contracepção, o direito ao aborto, e outros direitos puramente jurídicos, como a responsabilidade pelos filhos. Mas tudo isso se deu de forma muito lenta. E o aspecto mais importante, que é saber se as mulheres podem ser agentes de uma transformação cultural profunda, é algo que se vê muito pouco. Eu defendo essa idéia de que, sim, as mulheres estão gerando uma nova cultura. Mas na opinião pública essa idéia não está tão forte. No caso latino-americano, eu diria que a visibilidade do movimento de liberação feminina é muito pouca.

IHU On-Line - Os revolucionários de 68 ergueram a bandeira por uma sociedade emancipada. Quatro décadas após esse acontecimento, como o senhor percebe o impulso e a revitalização do capitalismo (duramente criticado na época) no atual mundo globalizado?

Alain Touraine - Em primeiro lugar, eu não falaria em “revolucionários” de 1968, porque um revolucionário é aquele que se interessa em conquistar o poder político. Os agentes de 68 não

“Estamos em um período de muito baixo nível de mobilização popular”

tinham nenhuma intenção de tomar o poder, inclusive quando envolveu o aspecto político. Realmente, falar de revolução me parece exagerado. Os jovens estudantes de Paris, em maio de 68, passaram diante dos palácios da república, sem pensar em atacá-lo. Tomar o poder não era, de nenhuma maneira, sua preocupação. É por isso que no período atual, de tipo liberal, a preocupação revolucionária tem perdido, em todas as partes, muito de sua importância. E essa importância pode crescer de novo quando tivermos uma posição mais intervencionista do Estado. Até o atual momento, não se pode falar, realmente, em nenhum setor da sociedade, de uma volta dos atores sociais que haviam desaparecido. Há alguns intelectuais, mas nem no Chile, nem no Brasil, e nem em outro país, se vê realmente uma maturidade, um fortalecimento de movimentos propriamente sociais. O que muda não é nem o político, nem o social, mas o terreno dos comportamentos privados. Essa transformação da cultura privada é maior do que a das leis.

IHU On-Line - Para o senhor, os movimentos sociais vivem uma crise contínua e têm dificuldades de se manterem ativos?

Alain Touraine - Eu creio que sim. É difícil para a opinião pública de qualquer país, constatar que há, claramente, uma adversidade dada a tal ou qual problema social, cultural ou político. Estamos, no entanto, em um período de muito baixo nível de mobilização popular.

LEIA MAIS...

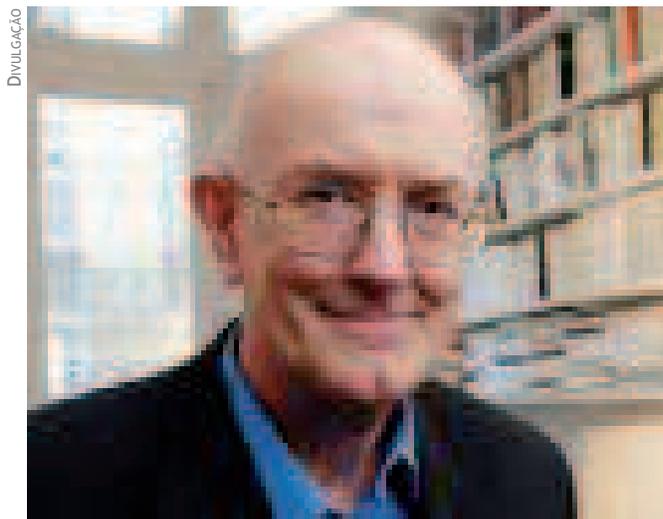
* As mulheres na origem da nova sociedade. Entrevista especial com Alain Touraine

O material está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Crise de crescimento da democracia: “Todos somos livres, mas já não temos mais nenhum poder coletivo”

Para o sociólogo francês Marcel Gauchet, “a religião não tem mais a função de dar ordens à coletividade”

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN



Divulgação

A religião vive um momento inédito, comenta Marcel Gauchet, em entrevista exclusiva à IHU On-Line, por e-mail. Essa mudança de paradigma indica, segundo o sociólogo, “uma renovação completa da mensagem cristã, inclusive no plano da teologia fundamental”. Ao falar em transformações, ele é cuidadoso e garante que o cristianismo “não pode ser baseado numa autonomia”. A religião precisa, ainda, estar vinculada integralmente a uma heteronomia. Para ele, o futuro do novo cristianismo está no “diálogo” entre uma posição aceita e “uma autonomia limitada”. Isso ocorre, explica, porque a “operação moderna consistiu em separar duas coisas que estavam unidas”. E acrescenta: “creio que os cristãos estão em condições de abandonar o discurso incompreensível sobre o mundo moderno, que eles mantiveram por tanto tempo”. Assim, finaliza argumentando que “os cristãos estão na democracia e devem trabalhar pela mesma razão, como os não-cristãos, na definição de uma organização que resulte unicamente da vontade das pessoas”.

Gauchet escreveu, entre outros livros, *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard, 1985), *La révolution des pouvoirs* (Paris: Gallimard, 1995) e *La relation dans la démocratie* (Paris: Gallimard, 1998).

IHU On-Line - Se a democracia é a forma política da autonomia, não estaríamos politicamente enredados numa concepção individualista e hedonista de poder, tomando em consideração a configuração atual da autonomia nas sociedades contemporâneas? Como superar esse impasse?

Marcel Gauchet - A autonomia não é um estado que já estaria realizado, nem mesmo um ideal fixado uma vez por todas, mas um percurso que está longe de terminar. É claro, com efeito, que nós estamos num momento difícil deste percurso. Nele, temos a impressão de voltar as costas à autonomia em nome dela própria. É o que ocorre com o individualismo exacerbado que você evoca e apela para a autonomia das pessoas, mas acaba, na prática, na impotência coletiva. Acredito que somos livres, mas já não temos mais nenhum poder coletivo, e vejo esta situação como uma crise de crescimento da democracia. De um lado, nós adquirimos novos meios para a autonomia. Mas, do outro lado, não temos o domínio desses meios, ou seja, não sabemos servir-nos deles. A autonomia moderna consiste, em primeiro lugar, em três vetores práticos: uma organização do político (o Estado, para simplificar, um princípio de legitimidade), o indivíduo de direito (uma organização das comunidades humanas no tempo) e a orientação histórica para o futuro. Tais vetores não funcionam isoladamente: são problemas, e não soluções. Eles não cessam de se desenvolver e de ampliar suas expressões. É por isso que o mundo da autonomia é tão difícil de ser vivido e administrado, pois nos surpreende e nos ultrapassa periodicamente. Isso não é um impasse irremediável. Temos os meios para sair dele nas próximas décadas, mas isso demandará um tempo longo, pois é preciso raciocinar neste terreno, o que supõe começar pela análise da situação com instrumentos intelectuais adequados, longe das velhas leituras que nos escondem a realidade.

IHU On-Line - O que seria o “cristianismo do mundo novo” ao qual o senhor se refere? Não é contraditório imaginar um cristianismo baseado na autonomia e no individualismo que lhe é intrínseco?

Marcel Gauchet - O cristianismo do novo mundo se redefine em função de

“Nós todos somos livres,
mas já não temos mais
nenhum poder coletivo.
Eu proponho caracterizar
esta situação como uma
crise de crescimento da
democracia”

a religião não ter mais a responsabilidade de dar ordens à coletividade, ou seja, ela é um componente entre outros de sua ordem. Os cristãos estão na democracia e devem trabalhar pela mesma razão, como os não-cristãos, na definição de uma organização que resulte unicamente da vontade das pessoas.

Esta é uma situação totalmente inédita para a religião, que não pode deixar de ter conseqüências para sua mensagem e para seu significado. Eu creio que ela é potencialmente a fonte de uma renovação completa da mensagem cristã, inclusive no plano da teologia fundamental. Este cristianismo não pode ser “baseado numa autonomia”: continua fundado numa heteronomia, que é a da Revelação. Ou seja, uma heteronomia aceita pelo indivíduo, só que desta vez de forma pessoal, como manifestação eminente da autonomia, dando sentido a uma heteronomia da Revelação. O futuro do cristianismo está no diálogo de uma heteronomia aceita e de uma autonomia limitada.

IHU On-Line - O senhor diz que haverá um novo papel político para o cristianismo, um civismo cristão. É possível desenvolver um pouco mais o que o senhor entende por isso? A sua proposta de um civismo cristão seria a concretização da afirmação nietzscheana de que a democracia

é herdeira direta do pensamento judaico-cristão pela extirpação das diferenças?

Marcel Gauchet - Para falar de civismo cristão, é preciso começar por clarificar o que foi o não-civismo cristão. Uma religião do Deus do além e da salvação impele naturalmente a certo desprezo ou a certa indiferença pela ordem deste mundo, embora se saiba que ela é necessária. A doutrina não é considerada decisiva do ponto de vista da salvação. Não se reflete tanto sobre ela. Entretanto, ela é aceita dessa maneira, e nos acomodamos facilmente aos poderes estabelecidos. É verdade que, de tempos em tempos, surgem correntes que apelam para a aplicação estrita do Evangelho. Elas, de fato, não são mais cívicas, pois só querem enxergar o conteúdo de sua fé, sem considerar as imposições e as necessidades próprias do governo da cidade dos homens.

Estas atitudes não são mais defensáveis. Torna-se obrigatório aos cristãos envolver-se com a coisa pública por ela mesma, na igualdade com os não-cristãos e de maneira a poderem se fazer compreender por eles. Este é um parâmetro essencial: na democracia contemporânea, um cristão em política deve procurar o ponto de convergência com o não-cristão, o qual só considera as necessidades terrestres da cidade dos homens. Isso requer que se reconsidere o valor da vida neste mundo, do ponto de vista de uma visão religiosa. Qual é o sentido da existência em sociedade e o da história por meio da qual se constrói o mundo humano? Esses são enormes canteiros de obras para a reflexão cristã.

Vocês vêem que este programa não guarda muito vínculo com a remoção das diferenças. Seria antes o contrário: ele é feito para lhes dar relevo e importância.

IHU On-Line - O deicídio cometido pelo homem moderno já foi superado? O que foi colocado no lugar de Deus?

Marcel Gauchet - Não houve deicídio moderno. A operação moderna consistiu em separar duas coisas que estavam unidas, e não colocar uma no lugar da outra. Existe o domínio de

“O político tem necessidade da religião para lhe dar sentido, mesmo que ele não possa obedecer à sua lei. A religião não pode se desinteressar do político, mesmo que ela se sinta tentada a isso, quando ela não mais o considera”

Deus e existe o domínio do homem. Isto se inscreve no direito, na linha da inspiração cristã original. Eu creio que os cristãos estão em condições de percebê-lo e de abandonar o discurso incompreensível sobre o mundo moderno, que eles mantiveram por tanto tempo. A vocação do cristianismo é a de se reconciliar com o mundo moderno, o que não quer dizer que ele seja tomado como tal, como se nele não houvesse nada a ser mudado.

IHU On-Line - Política e religião são interdependentes? Por quê?

Marcel Gauchet - Política e religião não são feitas para se ignorar. Todo o problema é encontrar a boa maneira de aplicá-las uma à outra. Estamos vivendo uma grande transformação, relativa à definição de suas relações. A religião não pode dar ordens ao político, o qual, por sua vez, também não pode dar ordens ao religioso. E, no entanto, trata-se de fazê-los agir conjuntamente. Quando se fala de separação, facilitam-se as coisas, mas também se esconde boa parte da realidade. O político tem necessidade da religião para lhe dar sentido, mesmo que não possa obedecer à sua lei. A religião não pode se desinteressar do político, mesmo que ela se sinta tentada, quando ela não mais o considera.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a consolidação da democracia na Europa e também no Terceiro Mundo, a partir de sua constatação de que esse sistema político não é “eterno”, mas está em constante mutação e construção?

Marcel Gauchet - Eu creio que os problemas da democracia na Europa e no Terceiro Mundo são bastante diferentes. Eu até ousaria dizer que eles é mais fácil visualizá-los no sul do que no norte, agora que o problema de fundo da legitimidade democrática está regulamentado. Já não há outro possível; isso se tornou claro para todo o mundo. A partir disso, trata-se de adequar as instituições correspondentes. Se a situação econômica não é demasiado desfavorável, isso poderá ocorrer muito rapidamente.

Na Europa, o problema é outro. Não se trata de consolidar as instituições democráticas, que são sólidas e ninguém as contesta. O problema é de lhes restituir uma alma, adequando-as à configuração histórica surgida no decurso das últimas três décadas. É uma tarefa bem mais difícil, que requer imaginação - não sabemos para onde vamos - e grandes esforços de reflexão. Pode-se perguntar se os europeus são capazes disso. Muitos

duvidam. Eu continuo confiante, mas estou consciente de que isso exigirá tempo e, sem dúvida, claro, algumas provas em condições de lembrar a necessidade do esforço.

IHU On-Line - Como o senhor acolheu os recentes discursos do presidente francês sobre o papel da religião nas democracias modernas? Como analisa o debate que suscitaram?

Marcel Gauchet - Os discursos de Sarkozy partem de uma constatação correta, que ele já expusera há alguns anos, em seu livro sobre as religiões. Para o presidente francês, as balizas da laicidade mudaram, e as religiões adquiriram, no espaço público, uma legitimidade que os governos devem reconhecer. Marcou, desse modo, um ponto com esta análise em relação a uma esquerda francesa encerrada num velho discurso.

A partir disso, ele franqueou uma etapa a mais em seus recentes propósitos e, desta vez, querendo reforçar sua vantagem, parece-me que ele foi longe demais. Isso ocorre com frequência com os homens políticos! Sarkozy, privilegiando as opções religiosas em relação às opções laicas, colocou-se numa situação impossível em relação a uma sociedade francesa na qual os católicos praticantes são atualmente uma minoria. Não é dessa maneira que se raciocina, principalmente quando nos preocupamos em garantir lugar às opções religiosas na democracia. Tudo o que eu espero é que esses discursos desastrosos e importunos não nos conduzam para trás, a polêmicas estéreis, das quais estávamos a ponto de sair.

LEIA MAIS...

* “Os direitos individuais paralisam a democracia”.

Artigo de Marcel Gauchet

* “Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião”. Entrevista com Marcel Gauchet

* “Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião”. Entrevista com Marcel Gauchet

* “A França é um país profundamente deprimido”.

Artigo de Marcel Gauchet

* Os franceses ainda acreditam na política e no Estado.

Entrevista com Marcel Gauchet

O material está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

1968: a passagem de um direito conquistado a uma norma instituída

As reivindicações de 68 possibilitaram a construção de um espaço para novos temas políticos, afirma o psicanalista Benilton Bezerra Jr.

POR PATRICIA FACHIN

Como em toda revolução sonhadora, nem todos os objetos de desejo são alcançados. Nas reivindicações de 68, em especial, não foi diferente. Entretanto, grupos até então excluídos da sociedade passaram a representar maior espaço no poder, lutando por ideais, respeito e reconhecimento. Essa atitude, explica o psicanalista Benilton Bezerra Jr., em entrevista especial concedida por telefone à **IHU On-Line**, gerou uma mudança de paradigma. Mas a revolução sexual e as conquistas da subjetividade individual também sofreram distorções, pois, em grande medida, “se transformaram de um direito conquistado em uma espécie de obrigação de cada um”.

Essas mudanças, garante o pesquisador, são conseqüências de um movimento maior, surgido com o “desaparecimento do campo da política”. O engajamento coletivo presente em 68 desapareceu, abrindo espaço, conseqüentemente, para a exacerbação do individualismo.

Bezerra Jr. é graduado em Direito e em Medicina, mestre em Medicina Social e doutor em Saúde Coletiva, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, é membro do Instituto Franco Basaglia e atua como docente adjunto do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, e pesquisador do PEPAS (Programa de Estudos e Pesquisas sobre Ação e Sujeito) da UERJ. Organizou, com Francisco Ortega, o livro *Winnicott e seus interlocutores* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007).

IHU On-Line - Uma das marcas de Maio de 68 foi a ampla crítica dos jovens ao sistema. Eles contestaram a construção da família, a tradição, as proibições, a moral, os tabus. O que essas manifestações expressas através dos gritos de ordem “É proibido proibir” e “O poder está nas ruas” significaram?

Benilton Bezerra Jr. - Maio de 68 foi um acontecimento com múltiplas dimensões e várias conseqüências. Uma delas, talvez a principal, foi a capacidade de tal movimento abalar, de certa forma, várias estruturas de pensamento e de organização do poder, além de influir decisivamente na politização da vida cotidiana. Este impacto se expressou no plano da política por meio da crítica aos impérios ainda existen-

tes e aos sistemas de poder estabelecidos. Ou seja, houve uma crítica, no plano da macropolítica, aos impasses e conflitos estruturais no mundo capitalista e soviético. Assim, surgiu a idéia de que as formas de organização e de exercício do poder precisavam ser renovadas.

Essa posição gerou também conseqüências no campo da micropolítica. Palavras de ordem, como “É proibido proibir”, ou “O poder está nas ruas”, acabaram implicando, em Maio de 68, uma confluência do movimento estudantil e dos trabalhadores franceses. É preciso lembrar que essa foi uma manifestação popular, na qual mais de dez milhões de trabalhadores aderiram a greves, questionando o poder do Estado.

DIVULGAÇÃO



Esse período proporcionou a criação de um espaço para novos temas políticos, no que se refere, por exemplo, à condição feminina, dos negros, dos homossexuais e das minorias em geral. Essas temáticas e esses grupos, na maneira de pensar a política até maio de 68, eram, de alguma maneira, sistematicamente, colocados em segundo plano. Assim, os acontecimentos da época significaram a emergência de uma nova agenda política que contemplava questões e conflitos antes subor-

“Esse foi um movimento sonhador, talvez a grande marca de 68”

dinados às grandes bandeiras políticas e sociais.

IHU On-Line - Assim, esse período contribui para sacudir os valores da velha sociedade e estabelecer novos padrões no que se refere à sexualidade e prazer? Ou essa foi apenas uma revolução sonhadora?

Benilton Bezerra Jr. - Sem dúvida, foi um movimento sonhador. Talvez essa tenha sido a grande marca de 68. Uma das frases mais famosas da época, registrada nos muros e paredes, dizia: “Sejamos realistas, peçamos o impossível”. Isso mostra que a idéia de se fazer uma revolução, ou seja, mudar pensando no impossível e quebrar paradigmas que pareciam estáticos, esteve presente, nesse período, em todas as manifestações ocorridas no mundo. Contudo, como toda revolução sonhadora, ela nunca, de fato, realizou, pelo menos inteiramente, os sonhos que a inspiraram. No que se refere ao estabelecimento de novos padrões, Maio de 68 está vinculado a outros movimentos que mudaram muito a sociedade. Um exemplo de manifestação que passou a reivindicar valor político, e que realmente teve consequências profundas na sociedade, foi a que envolveu uma crítica à cultura patriarcal, machista e à nova maneira de pensar as identidades sexuais. O fato de termos hoje, na eleição americana, um negro e uma mulher disputando a presidência mostra uma vinculação com o que se mudou em 1968.

IHU On-Line - Qual foi o principal legado desse movimento? Alguns militantes da época disseram que esse período mostrou que é mais provável mudar a si mesmo do que mudar o mundo. O senhor concorda?

Benilton Bezerra Jr. - Não é mais provável mudar a si mesmo do que mudar o mundo. Na verdade, mudar a si mesmo sem mudar o mundo é uma busca um pouco inútil. O que, de fato, esse período serviu para mostrar é que não podemos pensar em mudar o mundo sem também mudar a nós mesmos. O ser humano é um ser político, como já dizia Aristóteles,¹ isto é, tudo que

concerne a minha liberdade, singularidade e existência pessoal encontra maneiras de estar ligado à vida de todos. Isso é, talvez, o efeito mais interessante dos acontecimentos de 68 no pensamento sobre o projeto democrático. A idéia de democracia como horizonte que nunca se realiza plenamente, como idéia regulativa, como um processo ininterrupto e de construção de um mundo melhor, implica, ao mesmo tempo, a idéia de que as macroestruturas precisam se transformar, mas também que se sustentam apenas na medida em que os indivíduos que vivem nesse mundo também se colocam como agentes de mudança em suas existências pessoais.

IHU On-Line - Os jovens reivindicaram uma revolução sexual, mas no século XXI a sexualidade ainda é considerada uma caixa-preta, um tabu não superado?

Benilton Bezerra Jr. - Se tomarmos a idéia de revolução sexual como um movimento que transformou o sexo e a sexualidade numa questão política, isto é, a qual todo mundo pode e deve ter acesso, podemos dizer que maio de 68 alcançou um dos seus objetivos. A sexualidade não tinha o valor político de hoje e, não há, nem de longe, semelhança com o padrão de repressão existente antes. Nesse sentido, não é mais um tabu falar de sexo.

Se pensarmos numa segunda perspectiva, a de que a revolução sexual foi, a partir de 68, uma espécie de superação dos problemas que a sexualidade traz, então a perspectiva é um pouco diferente. Naquele período, havia a idéia de uma sexualidade totalmente livre da repressão, indivíduos completamente isentos de conflitos em relação à sua sexualidade e à plena fruição do prazer. Como todo sonho, essa foi uma utopia irrealizável.

de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

Foucault² disse, um pouco depois desse período, que houve uma ilusão por trás dessa idéia de que a liberdade sexual teria um poder revolucionário de libertação dos indivíduos. Ele dizia que a verdadeira superação do aprisionamento na sexualidade seria a possibilidade de deslocar a idéia de sexualidade do papel tão central que ocupou nos últimos 300 anos.

De liberdade à imposição

Embora a revolução sexual tenha trazido mais liberdade para o tema, dando a ele uma conotação política, por outro lado, ela, em muitos sentidos, acabou deslocando o prazer sexual para uma espécie de obrigação. Se há um efeito colateral da revolução sexual hoje em dia, é o de que o uso da sexualidade e a busca do prazer sexual se transformaram de um direito conquistado a uma espécie de obrigação de cada um. Então, o que foi, em algum momento, uma crítica e uma desmontagem de normas se transfor-

² Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *A história da sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para download na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da IHU On-Line)

mou, ao longo das décadas, numa outra maneira de normatização. Desse modo, hoje é praticamente impossível fugir às redes da sociedade que indicam os modos mais adequados de fruição sexual.

IHU On-Line - Então, o senhor concorda com a tese de Jean-Claude Guillebaud,³ em seu livro *A tirania do prazer*, de que é necessária uma revisão crítica dos resultados da revolução sexual de 68?

Benilton Bezerra Jr. - Concordo com a idéia exposta na *Tiranía do prazer*, porque, de fato, isso talvez seja um dos traços que caracteriza a cultura atual. Nós todos somos quase que levados a exibir a nossa capacidade de ter prazer e de estarmos tendo prazer. A idéia de que conflitos, dúvidas, tristezas, tédio e ambivalência fazem parte de uma vida normal e bem vivida praticamente desapareceu. Quer dizer, a norma de funcionamento subjetivo, hoje em dia, é a do prazer usufruído ininterruptamente, sem nenhum tipo de obstáculo, o que é, na verdade uma recusa do desejo, e não sua liberação.

Se essa mudança, por um lado, tem a ver com os acontecimentos de 68, por outro, é conseqüência de um movimento maior, mais estrutural. Refiro-me ao desaparecimento do campo da política, ou seja, à diluição da idéia de cidadania em prol da noção de defesa de consumidores, fazendo refluir inteiramente a idéia da política como a ação na qual as pessoas coletivamente discutem o presente com vistas para um futuro a ser construído. Essa imagem de construção de cenários futuros, de engajamento coletivo na construção de horizontes, ou seja, a idéia forte de política, que estava

³Jean-Claude Guillebaud: jornalista, ensaísta e diretor literário da prestigiada Editora francesa Seuil. É autor de diversas obras, entre elas *A tirania do prazer* - Prêmio Renaudot de Ensaio 1998 (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999) e *A reinvenção do mundo* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003), apresentado pelo professor Jaime Zitkoski, no evento Abrindo o Livro, promovido pelo IHU em 25-05-2005. Recentemente, publicou *Comment je suis devenu chrétien* (Paris: Albin Michel, 2007). No Brasil, acaba de ser traduzido *A força da convicção* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007). (Nota da *IHU On-Line*)

“Uma das frases mais famosas da época, registrada nos muros e paredes, dizia: “Sejamos realistas, peçamos o impossível””

presente de maneira muito contundente em 68, desapareceu. Isso não se deu devido ao fracasso de 68, mas porque a política no mundo mudou. O mundo bipolarizado deixou de existir. A imaginação de horizontes alternativos ruiu de forma que, hoje em dia, num mundo dominado pelo mercado, com o desaparecimento da política, o desmoronamento da tradição, da religião e das instituições como a família, a própria idéia de ação política sofreu um enorme revés. Neste espaço deixado vazio pela imaginação e engajamento político, a ideologia da felicidade encontrou seu lugar.

IHU On-Line - Houve, então, nessas quatro décadas, uma mudança de paradigma? Lutamos pela autonomia, mas necessitamos e somos dependentes de modelos de vida, de conceitos instituídos do que significa tradição, moral, família, religião, por exemplo? A sociedade vive uma crise de autoconhecimento e valores sociais?

Benilton Bezerra Jr. - Em 68, havia a idéia de autonomia, de crítica aos padrões estabelecidos e às formas opressivas na vida política, cotidiana, amorosa. Esse conceito de autonomia era um centro de gravidade muito importante para esses grupos. No entanto, por um lado, surgiram movimentos localizados: negros, mulheres, imigrantes, homossexuais. No mesmo sentido, ocorreu um desmoronamento de grandes bandeiras universais que englobaram todos esses grupos em torno de uma visão de sociedade melhor a ser construída. Assim, conseqüentemente, a vida política foi se fragmentando na luta por interesses de grupos pequenos. Por isso, atualmente, aqueles que têm, por exem-

plo, deficiências, formam seus grupos de ação política para defender seus direitos específicos. Com isso, a idéia de autonomia deixou de estar vinculada a uma noção que era fundamental na política, ou seja, à noção de que a autonomia de cada um se sustenta no exercício de autonomia coletiva.

A autonomia é, hoje, mais ou menos intuitivamente pensada como um direito do indivíduo de fazer o que bem lhe aprouver. Entretanto, como dizem, nenhum homem é uma ilha: ninguém consegue ser autônomo, a não ser num mundo de autônomos. Não é possível viver livre, sem que essa liberdade seja construída conjuntamente com outros indivíduos. Assim, a sociedade moderna vive uma situação um pouco paradoxal. De um lado, não nos sentimos tão obrigados quanto outras gerações a nos curvamos frente a valores da moral, da família, da religião, da tradição. Poucas pessoas deixam de fazer alguma coisa porque é pecado, por exemplo, interpretando os fatos da sua maneira. Quer dizer, não há nenhum valor capaz de fazer com que nos curvemos de maneira inexorável. Nesse sentido, vivemos numa sociedade em que a idéia é a de que somos completamente livres e autônomos. No entanto, a mesma sociedade que cria isso tira a base desse indivíduo, de modo que ele se sente sempre dependente de alguma carta de orientação.

Autonomia ou dependência?

Como diz o sociólogo francês Alain Ehrenberg⁴ vivemos uma sociedade da autonomia assistida, porque somos autônomos, mas nunca tivemos tantos

⁴ Alain Ehrenberg (1950): sociólogo e pesquisador francês, publicou o livro *La fatigue d'être soi - Dépression et société* (Paris: Odile Jacob, 1998). (Nota da *IHU On-Line*)

profissionais a quem consultamos para saber como viver a nossa vida em cada um dos aspectos. Assim, temos liberdade para escolher, ao mesmo tempo em que não nos sentimos competentes para decidir. Desse modo, nos deixamos governar pelos modelos que são distribuídos na cultura e, sobretudo, pela mídia.

Uma autonomia, no sentido forte, implica em engajamentos e projetos coletivos e comuns. A liberdade vazia de direção é uma fantasia vivida por um indivíduo desorientado. Ele não é constituído num diálogo permanente com os grandes mapas da vida, que são as tradições, as ideologias, as grandes narrativas que orientam visões de mundo. Sem isso, é impossível saber para onde seguir.

IHU On-Line - A conquista pelos direitos do “eu” enquanto ser individualista gerou um novo problema para a sociedade, o que o senhor chama de exacerbação da autonomia e do individualismo? Ainda é possível resgatar a idéia de coletivo?

Benilton Bezerra Jr. - Essa exacerbação é uma espécie de desenvolvimento natural da própria lógica do individualismo que constituiu o mundo moderno.

A idéia de democracia é inviável sem a idéia do valor central do indivíduo. A luta pela igualdade e o respeito à singularidade é possível com base no valor do indivíduo. No entanto, numa sociedade em que valores e horizontes coletivos ficam desmoralizados, a lógica do individualismo se torna exacerbada, girando muito mais em torno do narcisismo de cada um do que de uma ação coletiva de indivíduos que se juntam em função de objetivos comuns.

Não há dúvida de que falta alguma maneira de construção de novos horizontes coletivos de construção de um mundo melhor. A compreensão de que eu só garantirei a minha liberdade quando eu garantir a de todos, que só terei garantido a minha singularidade quando os outros tiverem também a sua garantida, e que todos tenham conforto, acesso à saúde, habitação, precisa de novo ser recolocada no imaginário social. E, de fato, hoje em dia, vivemos o refluxo dessa idéia.

“No entanto, vivemos numa sociedade em que a idéia é a de que somos completamente livres e autônomos. No entanto, a mesma sociedade que cria isso tira a base desse indivíduo, de modo que ele se sente sempre dependente de alguma carta de orientação”

IHU On-Line - Alguns grupos, naquele período, seguiram o maoísmo. Como explicar a reivindicação por direitos democráticos através da luta armada?

Benilton Bezerra Jr. - Esses grupos terroristas dos anos 1970 surgiram no refluxo do movimento de 68. Naquele momento a esquerda se dividiu. A esquerda mais representada entre os estudantes foi para um lado, e a mais tradicional, ligada aos partidos comunistas e aos países socialistas, acabaram estabelecendo uma forma de acordo com o governo francês, de modo a fazer retroceder aquele movimento, com medo do que viria depois.

Nas eleições que se seguiram a Maio de 68, os grupos que apoiaram o De Gaulle⁵, ganharam com maioria absoluta no congresso francês. O que aconteceu é que, logo depois daquela explosão enorme da mudança, houve um recuo enorme daquele movimento de mudança, o que desmoralizou em

boa parte o processo da política partidária, o movimento sindical. Desse modo, muitos grupos caíram em ações extremadas e perderam a sua vinculação com o movimento de massas. Esses terroristas de esquerda tinham a pretensão de ficarem ligados a um movimento de transformação social, mas passaram a ser isolados.

IHU On-Line - Lacan dizia que a “a revolução é feita para manter a ordem”. Levando em consideração o movimento de 68, podemos dizer que os jovens queriam estabelecer uma nova ordem?

Benilton Bezerra Jr. - Os jovens de 68 tinham uma percepção aguda do quanto havia, na ordem estabelecida então, coisas a serem transformadas profundamente. Por isso, eles criticavam a sociedade patriarcal e a opressão da mulher, por exemplo. Inspiravam-se na idéia de que a sociedade poderia ser muito mais livre, fraterna, igualitária do que era até então. Assim, pode-se dizer que eles foram herdeiros da Revolução Francesa, ocorrida dois séculos antes.

Quando se pensou que outra ordem poderia se estabelecer no lugar, as coisas se complicaram. Do ponto de vista do movimento internacional em 68, a alternativa que se oferecia para eles, do sistema vigente nos países do chamado socialismo real, era criticada pelos próprios revolucionários. Por outras razões, os jovens criticavam acertadamente esse socialismo, pois viam o quanto a bandeira libertaria do socialismo havia se transformado numa ordem com muitos traços opressores. Então, eles tinham o martelo para derrubar a ordem, mas não o cimento para construir uma outra ordem.

De fato, o que se pode dizer é que havia, entre os grupos que se movimentaram em 68, desde aqueles que tinham idéia de que tipo de sociedade queriam colocar no lugar, até aqueles que simplesmente, numa expressão mais anarquista, estavam preocupados em demolir o que vinha antes.

LEIA MAIS...

* A subjetividade humana na sociedade de indivíduos. Entrevista especial com Benilton Bezerra Jr.

O material está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

1968 e a construção de um novo discurso político

O argentino Ernesto Laclau recorda o episódio de Maio de 1968 e analisa as transformações políticas ocorridas nesses 40 anos

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

Para o pensador argentino Ernesto Laclau, “a importância do Maio de 68 se articula dentro de um projeto de construção política viável”. Na entrevista que concedeu por telefone para a **IHU On-Line**, ele fala sobre a herança do episódio de maio de 1968 na França, sobre democracia, sobre os novos movimentos da política latino-americana e sobre populismo. Ernesto Laclau é um dos filósofos mais lúcidos da política contemporânea. Vive em Londres há cerca de 40 anos. Atualmente, é professor de teoria política na Universidade de Essex, Inglaterra, e na Northwestern University. É licenciado em História pela Universidade de Buenos Aires e obteve o PhD pela Universidade de Essex. Entre seus livros traduzidos para o português, citamos *Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979) e *Misticismo, retórica y política* (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002). Com Chantal Mouffe, escreveu o importante livro *Hegemony & socialist strategy: towards a radical democratic politics* (London: Verso, 1985).



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Quais são os maiores impasses e desafios da democracia atualmente?

Ernesto Laclau - Isso depende muito de que parte do mundo estamos falando. No caso da América Latina, as principais dificuldades são a possibilidade de organizar uma alternativa continental ao projeto norte-americano. Creio que, nesse momento, a democracia no continente depende da consolidação de regimes populares que estão surgindo, mas que têm claras dificuldades de implementação.

IHU On-Line - Passados 40 anos do Maio de 1968, em que consiste, especificamente, o conceito de democracia radical que o senhor e Chantal Mouffe¹ defendem?

Ernesto Laclau - Creio que 1968 foi muito importante na construção de um discurso político novo. Mas precisamos ver também as limitações que esse discurso teve em seu momento.

Em primeiro lugar, Maio de 1968 foi um evento europeu. E esse evento europeu teve lugar num momento em que se autonomizavam uma série de lutas que aconteciam nos Estados Unidos e na Europa. Tudo isso criou uma idéia de uma certa autonomia das lutas sociais, o que antes não havia. Por exemplo, nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, houve um avanço das lutas democráticas na Europa Ocidental sob a hegemonia dos partidos comunistas. Isso significou um avanço da democracia, e na Itália ficou muito claro. Mas, quando chegamos aos anos 1960, o que vemos é uma irrupção de novas forças que já não podiam ser absorvidas dentro do universo simbólico comunista tradicional. No entanto, os limites dessa experiência também estão claros: não se pode chegar a uma autonomização das lutas sem fazer um esforço para modificar também os sistemas de relações políticas.

IHU On-Line - Esse tipo de democracia resultaria em uma concepção agonística de política, inspirada nos moldes

gregos, primando pelo respeito à alteridade e pela não homogeneização do sujeito. Poderia explicar melhor essa idéia?

Ernesto Laclau - Sim, claro. O que ocorre é que, por exemplo, se pensarmos pelo marxismo clássico, temos uma teoria de uma homogeneização das lutas sociais. A idéia central da estratégia política do marxismo clássico foi a de que a sociedade capitalista estava avançando para uma simplificação da estrutura social. As classes médias estariam fadadas a desaparecer e, ao final da história, teríamos uma confrontação radical entre a burguesia e a massa proletária homogênea. Evidentemente, a história não avançou nessa direção. O que se deu foi uma heterogeneização da estrutura social e, então, o problema da articulação política entre pontos de ruptura, que são muito distintos em sua natureza, passaram a ocupar o lugar central.

IHU On-Line - Qual é a maior importância do Maio de 1968?

Ernesto Laclau - Creio que 1968 repre-

¹ Chantal Mouffe (1943): politóloga belga, professora na University of Westminster da Inglaterra. (Nota da IHU On-Line)

sentou um momento de ruptura dentro da política de esquerda europeia e dentro da política norte-americana, nos momentos de protesto contra a Guerra do Vietnã. Ou seja, alcançou a explosão de novos antagonismos, novas demandas e novos valores. De outro lado, 1968 não chegou a constituir o imaginário hegemônico, que poderia mostrar a definição de um novo tipo de estado. E, depois, explosões similares, como, por exemplo, o referendo do NÃO, que aconteceu na Europa, no ano passado, não chegou a se traduzir numa formulação política de tipo novo. Ou seja, creio que a política tem duas faces. Uma é de caráter ruptural, e a outra é a de transformar esse momento ruptural na base para uma nova reestruturação do Estado. Deste ponto de vista, 1968 precisaria mostrar suas potencialidades, o que não acontece até o momento.

IHU On-Line - Qual é a maior herança que o Maio de 68 deixou para a política e a democracia latino-americana?

Ernesto Laclau - Em primeiro lugar, 1968 foi, do ponto de vista da América Latina, algo muito distinto. Na Argentina, assistimos a toda a experiência do Cordobazo² e todas as mobilizações, mas não foi uma conseqüência direta do Maio de 68 na Europa. Mas, em termos de imaginário político, o episódio teve importância universal. Insisto que a importância não deve se transformar no absoluto. A importância do Maio de 68 se articula dentro de um projeto de construção política viável.

IHU On-Line - Como a democracia radical conjuga o respeito pela alteridade e a autonomia do sujeito moderno?

Ernesto Laclau - O que está claro é que a situação atual, num capitalismo globalizado, no qual estamos avançando, traz uma pluralização dos pontos de ruptura e antagonismo. Ou seja, a questão é como unir forças que partem de pontos de luta muito diferentes. Por exemplo, no Fórum Social Mundial, de Porto Alegre, há uma pluralidade

² Cordobazo: movimento de trabalhadores e estudantes ocorrido em 1969, em Córdoba (Argentina), que causou a morte de 14 pessoas. (Nota da IHU On-Line)

“No momento atual da articulação política, uma dimensão populista será uma característica central de qualquer nova esquerda”

enorme de *workshops* que se dedicam a criar problemas muito específicos (sobre as mulheres em Zimbábue, os gays na Califórnia etc.). Mas, com o tempo, há um esforço de criar uma certa “linguagem comum” que transite entre todos esses temas. Ou seja, o que estamos criando, de alguma maneira, me parece, é uma nova forma de universalismo, que produz efeitos políticos de grande alcance.

IHU On-Line - Como o senhor interpreta a exaustão política dos eleitores expressa através da apatia (votos brancos, nulos, abstenções), ou, em outros termos, do niilismo passivo? O que essa postura revela sobre a democracia atual?

Ernesto Laclau - Aqui temos que distinguir entre áreas geográficas. Por exemplo, se pensarmos na Argentina, o que aconteceu depois da crise econômica de 2001, a mais séria que o país sofreu, foi uma expansão horizontal enorme dos protestos sociais. Começaram as recuperações de fábricas, as mobilizações dos piqueteiros, e outras mobilizações de vários tipos. Isso, no entanto, não se traduz imediatamente ao nível do sistema político, porque, então, o lema era “que se vayan todos”. Kirchner manteve uma política de tratar de unir a proliferação horizontal dos protestos sociais à sua influência vertical dentro da es-

trutura política. Ou seja, com muitas dificuldades, está se criando um duplo processo, que teria de avançar em duas direções. Eu creio que na América Latina, em geral, essa é a situação. Se passarmos para a Europa, a questão é diferente. O que acontece lá é uma unificação dos setores dominantes. Por exemplo, se na França ganham os socialistas ou a direita, não temos uma diferença tão grande, porque os dois pertencem ao mesmo extrato tecnocrático. Não digo que isso não esteja acontecendo na América Latina, também de alguma maneira está acontecendo. Mas há opções de caráter mais radical.

IHU On-Line - Como o senhor percebe e define a atuação da Nova Esquerda na América Latina? Quais são os principais desafios que ela tem pela frente?

Ernesto Laclau - Eu acredito que, na América Latina, nós temos duas esquerdas: uma é a tradicional, a do “Partidão”, e que está praticamente desaparecendo em todos os lados. Resquícios dessa esquerda tradicional podem ser vistos na Argentina, na Venezuela, com o partido comunista, e no Brasil também. De outro lado, as opções continentais do que pode ser uma nova esquerda são muito mais amplas. Creio que, se pensarmos na possibilidade de uma nova esquerda na Argentina, isso está muito mais ligado ao kirchnerismo do que aos partidos que se consideravam tradicionalmente de esquerda. De outro lado, há, em alguns países que tem mantido a estrutura mais clássica, como o Uruguai e o Chile, uma esquerda de tipo mais tradicional, mas com um sistema político que é menos permeável aos novos processos de mudança.

IHU On-Line - Quem, na política latino-americana, hoje pode ser apontado como um líder populista? Em que sentido o populismo interfere na questão da democracia?

Ernesto Laclau - Para mim, populismo não é um termo pejorativo, como o é para muitos cientistas sociais. Vejo o populismo como um tipo de discurso que trata de dicotomizar o espaço social entre os “de cima” e os “de

baixo”. Esse discurso poderia ir numa direção de direita e numa direção de esquerda. Isso não quer dizer que algo é bom por ser populista. Pode ir em direções completamente diferentes. No entanto, contemplo uma situação na qual a multiplicação dos pontos de ruptura e antagonismo não pode ser reduzida a uma unidade, como era aquela de classe no sentido da esquerda tradicional. No momento atual da articulação política, uma dimensão populista será uma característica central de qualquer nova esquerda. Há muitos líderes populistas na América Latina hoje. Há Chávez, Cristina Kirchner e Ollanta Humala,³ o líder peruano que perdeu as últimas eleições. No caso do Brasil, o problema é mais complexo. Porque o Brasil, tradicionalmente, teve uma extrema regionalização da política. Vamos comparar Vargas e Perón. Este último era líder de um movimento unificado, porque ao redor das três grandes cidades (Rosário, Córdoba e Buenos Aires), há toda uma classe operária e industrial no centro dessa política. Enquanto isso, no Brasil, o que temos é um regionalismo real. Então, Vargas precisou ser bom articulador para diferentes classes. De um ponto de vista populista, isso era muito mais complexo. Lula tem mantido um equilíbrio. Eu sou menos crítico a Lula do que alguns. Penso que Lula conseguiu alguns feitos importantes. Na reunião de Mar Del Plata,⁴ o projeto da Alca não se implementou, em boa medida, porque o Brasil se opôs. Lula está fazendo um papel de ponte entre vários projetos latino-americanos. Eu, pessoalmente, tenho simpatia pela sua política. Lula pode ser apontado como populista até certo ponto. Ele tem que dirigir um sistema político no qual sempre haverá um certo equilíbrio entre o populismo e o institucionalismo.

3 Ollanta Moisés Humala Tasso (1963): militar e político peruano. É o líder do Partido Nacionalista Peruano. De tendência esquerdista e nacionalista, Humala foi derrotado nas eleições presidenciais de 4 de junho por Alan García. Recebeu apoio de Hugo Chávez e de Evo Morales. (Nota da IHU On-Line)

4 Aqui o entrevistado se refere à IV Cúpula das Américas, realizada em Mar del Plata, Argentina, em novembro de 2005. (Nota da IHU On-Line)

“1968 reduz enormemente a carga de hipocrisia da sociedade”

Para o jornalista Juremir Machado da Silva, 1968 significou a cristalização de um movimento de emancipação moral

POR ALESSANDRA BARROS

DIVULGAÇÃO



Na opinião do Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, a principal mudança provocada pelo Maio de 68 foi em relação ao “comportamento moral e sexual”. Juremir centrou sua fala na evolução nas relações interpessoais, como resultado do episódio que recordamos na matéria de capa desta semana. Também escritor, jornalista e historiador, Juremir Machado é doutor em Sociologia, pela Universidade de Paris V: René Descartes. Em Paris, de 1993 a 1995, foi colunista e correspondente do jornal *Zero Hora*. Atualmente, além de professor do curso de Jornalismo da FAMECOS e coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUCRS, assina coluna no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre/RS. Juremir Machado da Silva apresentou o IHU Idéias de 11-09-2003, intitulado “11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard”. Sobre esse tema, concedeu uma entrevista na 74ª edição da IHU On-Line, de 08-09-2003. Juremir Machado da Silva é autor dos *Cadernos IHU Idéias* número 30, intitulado “Getúlio, romance ou biografia?”, inspirado no tema Getúlio, 50 anos depois, apresentado por ele em 26 de agosto de 2004, também no evento IHU Idéias. Confira a entrevista a seguir.

IHU On-Line - Maio de 1968 é considerado por alguns historiadores e filósofos como o acontecimento revolucionário mais importante do século XX. Na sua opinião, qual é a importância e o impacto desse movimento na sociedade?

Juremir Machado da Silva - De fato, foi um acontecimento relevante, talvez o principal pelas conseqüências positivas e duradouras. Entre tantos fatos importantíssimos, como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, a Revolução Russa e a queda do Muro de Berlim, fica difícil estabelecer com segurança qual foi o mais importante deles. Mas Maio de 1968 foi um tipo muito específico de “revolução”, com mais efeitos benéficos do que negativos. No fundo, a Revolução Russa foi um processo que se acentuou, depois se desconstruiu e hoje já não existe mais. Pode-se dizer que surgiu, teve seu apogeu e sua decadência. Já Maio de 1968 deixou frutos comportamentais que ainda estão presentes. Acredito que o episódio foi fundamental por modificar as relações interpessoais e as relações hierárquicas. Mudaram as relações entre pai e filho, professor e aluno, patrão e empregado.

Mas a principal mudança foi em relação ao comportamento moral e sexual. Se hoje as pessoas podem fazer sexo antes do casamento sem ter de dar explicações, nem sentir culpa ou fazer qualquer penitência, é graças a esse período. Se as relações e hierarquias se dão de forma mais fluidas, é fruto de 1968. Se os adolescentes podem trazer os namorados (as) para dormir em casa, é reflexo desse período. 1968 significou a cristalização de um movimento de emancipação moral. Conforme o filósofo francês Gilles Lipovetsky,¹ passamos de uma moral sa-

1 Gilles Lipovetsky (1944): filósofo francês, professor de filosofia da Universidade de Grenoble, teórico da Hipermmodernidade, autor dos livros *A era do vazio* (Barueri: Manole, 2005), *O luxo eterno* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005) e *A sociedade pós-moralista* (Barueri Manole, 2005), entre outros. Em suas obras, sobretudo em *A era do vazio*, analisa uma sociedade pós-moderna, marcada, segundo ele, pelo desinvestimento público, pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas, e por uma cultura aberta que caracteriza a regulação “cool” das relações humanas, em que predominam tolerância, hedonismo, personalização dos processos de

“Maio de 1968 tem como legado muito mais uma transformação comportamental no plano moral e principalmente nas relações entre pais e filhos; professores e alunos; nas relações hierárquicas, e mais ainda nas relações sexuais. Provocou uma mudança de comportamento principalmente no aspecto sexual”

crificial, imperativa e autoritária, para um tipo de moral à la carte, na qual persistem valores afirmados e fundamentais, mas que reduziu a tentação de legislarmos sobre a vida dos outros. Os laços se afrouxaram. Passou-se a apostar muito mais na importância do bem-estar, do prazer e da satisfação pessoal, e não apenas na imposição de normas constrangedoras e até destrutivas para a vida das pessoas. Penso que o grande legado desse movimento é o afrouxamento dos laços da moral sacrificial, tornando a sociedade mais aberta, de comportamento mais flexível. Entramos em uma esfera comportamental do imaginário fluido, mais flexível e transparente. E isso reduz enormemente a carga de hipocrisia da sociedade.

É claro que também existem aspectos negativos. O escritor francês Michel Houellebecq,² autor de *Partículas elementares*, por exemplo, é um crítico de 1968. Defende que o episódio não foi tão importante assim, que teria apenas contribuído para a desestruturação da família. Para Houellebecq, foi apenas o resultado do rock’n’roll.³

socialização e coexistência pacífico-lúdica dos antagonismos, como violência e convívio, modernismo e “retrô”, ambientalismo e consumo desbragado etc. (Nota da IHU On-Line)

2 Michel Houellebecq (1958): os romances do escritor francês *Partículas elementares* e *Plataforma* lhe valeram uma reputação internacional de provocador, embora sejam também considerados como um sinal de renovação da literatura francesa. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Pós-68, quais foram as mudanças para a sociedade? Quais são os pontos positivos e negativos? Houve melhora da educação nas universidades? Qual é a sua avaliação dessa melhora da relação entre professor e aluno, por exemplo?

Juremir Machado da Silva - As relações hoje são muito mais de diálogo. Antes de 1968, de maneira geral, era vigente um modelo autoritário. O professor era magistral, impunha sua autoridade e passava seu conhecimento para um aluno que deveria ser o mais passivo possível ao receber, assimilar, temporar esse conhecimento. A situação de diálogo era muito menor, até mesmo na forma de tratamento. O professor tinha de ser chamado de senhor, e o aluno devia levantar quando ele entrava em sala de aula. Trata-se de um comportamento que aqui e ali pode ser que persista, mas de um modo geral se modificou. Hoje, o professor é um facilitador, animador, alguém que está na sala para discutir, preparado

3 Rock’n’roll: gênero de música que emergiu e se definiu no sul dos Estados Unidos durante a década de 1950, nascendo da mistura de três gêneros musicais: blues, country e jazz, rapidamente se espalhando pelo resto do mundo. É o estilo musical mais popular do mundo. Na década de 1960, momento mais popular e prolífero do rock, configurou-se como movimento anti-guerra e anti-drogas, que deram origem ao pensamento dessa década. A IHU On-Line número 212, de 19 de março de 2007, dedicou seu tema de capa ao rock’n’roll. (Nota da IHU On-Line)

para ser contestado. O aluno tem liberdade de saber mais do que ele e apresentar esse conhecimento. Houve mudanças nos papéis. Desse modo, o professor está na aula para problematizar, discutir, passar conhecimento. A própria noção de ensino-aprendizagem se modificou. Não há mais predominantemente essa idéia de que alguém sabe e passa um saber que o outro não tem. Então, estabeleceu-se, também, na educação, uma relação dialógica, muito menos hierárquica, que propicia o debate, a interação, menos vertical e muito mais interativa.

IHU On-Line - Na época, a classe operária reivindicou melhores salários e condições de trabalho. Quais foram as conquistas dos trabalhadores? Como o senhor avalia, em pleno século XXI, a exploração da mão-de-obra nos canaviais, por exemplo?

Juremir Machado da Silva - Esse foi o aspecto de 1968 que acabou sendo menos importante, de menor resultado. Claro que na Europa desenvolvida, na França, por exemplo, a situação dos trabalhadores é muito melhor do que a situação dos cortadores de cana brasileiros. Muitas conquistas foram feitas. Hoje, o estado francês até é criticado por ser excessivamente protecionista, pelos trabalhadores terem direitos que alguns consideram privilégios. Isso faz com que a França tenha dificuldade de competir nos mercados asiáticos, onde os custos de trabalho são mais baixos. Então, os trabalhadores europeus obtiveram conquistas nítidas. No aspecto militante, marxista, operariado, proletariado, tudo isso que estava também na agenda de 1968, foi o que menos acabou importando.

1968 marcou não por ter sido uma revolta operária, mas sim como revolta estudantil, comportamental, por modificar o imaginário, as relações entre as pessoas. Esse aspecto de reivindicação classista, profissional, salarial e de luta de classes acabou se esvaecendo, perdeu importância. Evidente que, em um país como o Brasil, as diferenças sociais continuam acentuadas e os trabalhadores precisam fazer suas reivindicações. Sem dúvida, é preciso avançar muito. Mesmo esses trabalhadores que não conseguiram dar o

“Todo o comportamento de hoje aceito como lícito, padrão, que parece até incontestável, que não conseguimos imaginar que tenha sido diferente antes no Brasil, deriva diretamente desse período. Somos as gerações produzidas por 1968 no Brasil”

grande salto para benefícios maiores também beneficiam-se de alguma maneira, principalmente no aspecto das relações pessoais, por exemplo. Hoje, o pai não mata mais a filha porque ela transou antes do casamento; ou o marido mata a mulher porque foi traído, pois os comportamentos ficaram menos conservadores e mais flexíveis.

IHU On-Line - Na França, no final do século XX, ressurgiram no mundo manifestações violentas de racismo e xenofobia. Maio de 1968 foi uma reação a esses fenômenos, em prol dos direitos humanos?

Juremir Machado da Silva - Maio de 1968 foi, de fato, um movimento muito mais anarquista, o que era demonstrado nos slogans: “imaginação do poder”, “é proibido proibir” e “um vento libertário”. Teve muito de poesia, próprio de estudantes em ação. Foi uma reivindicação de liberdade e de combate a todo o tipo de precon-

ceito. Mas isso não quer dizer que esse período tenha vencido todos os preconceitos. Muitos deles persistem até hoje. Passaram por reestruturações e até fortaleceram-se. Principalmente no que se refere à Europa, percebe-se uma sociedade com problema de fluxo migratório. As populações dos países pobres passam a migrar para os países ricos da Europa. Como consequência, geram determinados tipos de choques que passam por muitos preconceitos, evidentemente contra esses migrantes, ainda sem solução, que provocam reações primárias, como xenofobismo e racismo. Esse fato demonstra que a Europa ainda não resolveu alguns dos problemas mais tradicionais e históricos, como o racismo. Cientificamente, o conceito de raça é sem validade. Mas, do ponto de vista das relações sociais, isso constantemente se atualiza, retorna, toma novas formas e produz os efeitos negativos de sempre. Maio de 1968 não conseguiu acabar com os preconceitos. Por isso, torno a enfatizar que 1968 tem como legado muito mais uma transformação comportamental no plano moral e principalmente nas relações entre pais e filhos, professores e alunos, nas relações hierárquicas, e mais ainda nas relações sexuais.

IHU On-Line - Na época, o que representava a nova esquerda francesa?

Juremir Machado da Silva - A França, do ponto de vista da esquerda, teve várias vertentes. Uma maoísta, que continuou acreditando em um processo revolucionário, encantada, deslumbrada com o que estava acontecendo na China, e revelou-se um fracasso total. Os intelectuais franceses, muitas vezes, acreditavam em utopias autoritárias, como o stalinismo, o Realismo Socialista Soviético e o maoísmo. Por outro lado, o sindicalismo francês estruturou-se de uma maneira mais consistente e realista. Chegou ao poder nos anos 1980, com o presidente François Mitterrand,⁴ também resultante

⁴ François Maurice Adrien Marie Mitterrand (1916-1996): estadista e presidente francês. Detém atualmente o recorde de longevidade (14 anos) na presidência da República Francesa. Foi o primeiro e (até hoje) único presidente da república oriundo do Partido Socialista Francês. Foi sob sua presidência que foi abo-

“No final dos anos 1960, no Brasil, houve a ditadura, mas também movimentos que estão no espírito de 1968, como a Tropicália. Parece que essas duas coisas caminharam lado a lado, se enfrentaram, uma sufocou a outra durante algum tempo, mas finalmente quem venceu foi o espírito de 1968”

dessas mudanças, no entendimento da própria política: não mais fazer a revolução, mas reformas. A nova esquerda francesa beneficiou-se desse momento. Aos poucos, foram sendo incorporados ao ideário político aqueles valores defendidos pelos jovens de 1968. A política também se tornou diferente, menos conservadora e hierárquica para essa nova esquerda. Transformou-se em uma política mais imediata, menos monolítica. Passou a levar em consideração elementos até então considerados estranhos à política, até mesmo ao longo dos anos 1970 e 1980, como aspectos ambientais, ecológicos e, principalmente, o comportamento.

IHU On-Line - Quais foram os reflexos desse acontecimento na América Latina?

Juremir Machado da Silva - Na América Latina, houve reflexos de várias ordens. Mesmo durante 1968, países como o Brasil tiveram repercussões imediatas do movimento. Mas, como sempre, os efeitos mais profundos chegaram com o passar dos anos. Podemos dizer que hoje o tipo de estruturação familiar, principalmente das classes médias, é diferente. Todo o comportamento atual aceito como lícito, padrão, que parece até incontestável e não imaginamos de uma forma diferente antes no Brasil, deriva diretamente desse período. Somos as gerações produzidas por 1968 no Brasil, assim como em outros países, como Uruguai e Argentina. Em todos os países com uma classe média bastante constituída, essa revolução produziu seus efeitos.

IHU On-Line - E, após 40 anos do episódio, está se construindo uma nova esquerda?

Juremir Machado da Silva - Hoje, 1968 é mais uma lenda, um mito, que

lida a pena de morte na França, em 1981. Seu mandato presidencial encerrou-se em Maio de 1995. Foi sucedido por Jacques Chirac. (Nota da IHU On-Line)

teve seus efeitos. Não sei se ainda produz conseqüências diretas. No Brasil, a nova esquerda já se constituiu há muito tempo. O PT, por exemplo, foi a nova esquerda no Brasil. Eles estão pensando uma “nova nova esquerda”. Claro que o PT incorpora muitas das questões trabalhadas pelo povo de 1968, que, para os partidos mais tradicionais, não diziam nada. A política também mudou. Está menos hierarquizada, de maior participação e discussão. Evidentemente, alguns temas ainda precisam entrar na pauta, sobretudo no caso brasileiro, onde há uma sociedade conservadora, de forte predominância religiosa. No futuro, alguns debates terão de acontecer, como a legalização do aborto, que é uma questão que eclodiu durante esse manifesto, em países como a França de 1968, e foram resolvidos há bastante tempo.

IHU On-Line - Nesse período, no Brasil, foi o ano da criação do AI-5. Estávamos em plena Ditadura Militar. Foi o ano que o cantor e compositor Geraldo Vandré lançou a música “Pra não dizer que não falei das flores”, considerada o hino da contestação à ditadura. Quanto às manifestações no Brasil, os estudantes e operários também estavam nas ruas em protesto à repressão?

Juremir Machado da Silva - Existe esse paradoxo extremamente interessante. No Brasil, 1968 foi, ao mesmo tempo, um ano que teve algum tipo de repercussão do que está acontecendo no mundo em termos de demanda de liberdade. Houve fechamento político com o AI-5. Mas 1968 foi muito mais subterrâneo. O maior impacto não foi uma organização política, mas o uso da minissaia, do cabelo comprido, de um novo tipo de linguagem, elementos trazidos pelos hippies.⁵ 1968, no

⁵ **Hippies**: eram parte do que se convencionou chamar movimento de contracultura dos anos 1960, tendo relativa queda de popularidade nos anos 1970. Adotavam um modo de

fundo, é um conjunto de coisas. É uma nova maneira de pensar e de encarar a vida. Então, claro que, ao longo dos anos 1970, apesar de o Brasil estar em uma ditadura militar, esse efeito do manifesto ajudou a corroer esse regime, porque os jovens deram a sua contribuição, imbuídos desses novos ideais que continuaram entrando no Brasil, apesar da repressão. Aos poucos, esse jovens propuseram e desejaram outras coisas. Eles não queriam mais ser apenas os jovens que se preparam para o trabalho, para o casamento e para o respeito aos mais velhos, por exemplo. Uma série de outros valores corroeram e contribuíram para clamar por maior liberdade. No final dos anos 1960, no Brasil, houve a ditadura, mas também movimentos que estão no espírito de 1968, como a Tropicália.⁶ Parece que essas duas coisas caminharam lado a lado, se enfrentaram. Uma sufocou a outra durante algum tempo, mas finalmente quem venceu foi o espírito de 1968.

vida comunitário ou estilo de vida nômade, negavam o nacionalismo e a Guerra do Vietnã, abraçavam aspectos de religiões como o budismo, hinduísmo, e/ou as religiões das culturas nativas norte-americanas e estavam em desacordo com valores tradicionais da classe média americana. Eles enxergavam o paternalismo governamental, as corporações industriais e os valores sociais tradicionais como parte de um “estabelecimento” único, e que não tinha legitimidade. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Tropicália**: o Tropicalismo foi um movimento artístico-cultural, que contagiou o cenário brasileiro a partir de 1968. Marcou a ruptura da arte contemporânea, inaugurando conceitos e tendências que iriam desembocar na arte brasileira. Várias iniciativas artísticas acontecidas desde meados de 1967 tiveram papel fundamental no surgimento desta “revolução”: o filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, as canções “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, e “Domingo no parque”, de Gilberto Gil, são algumas delas. Fruto da audácia de novos talentos, o movimento entra no âmbito das mais diversas atividades artísticas, como o teatro, as artes plásticas, o cinema e, com maior destaque, a música. (Nota da IHU On-Line)



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Arteplex, do Shopping Bourbon.

Sicko - \$O\$ saúde

Ficha técnica

Título Original: Sicko

Diretor: Michael Moore

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 113 minutos

Ano de lançamento: 2007 (EUA)

Elenco: Michael Moore, Reggie Cervantes, John Graham, William Maher e Linda Peeno

Resumo: O filme de Moore traça o painel do deficiente sistema de saúde americano. A partir do perfil de cidadãos comuns, somos levados a entender como milhões de vidas são destruídas por um sistema que, no fim das contas, só beneficia a poucos endinheirados. Depois de examinar como o país chegou a esse estado, o filme visita uma série de países com sistema de saúde público e eficiente, como Cuba e Canadá.

Doença como lucro versus saúde como direito

POR STELA MENEGHEL*

\$O\$ saúde é mais um filme de Michael Moore, focado no tema da atenção em saúde, mostrando o sistema de saúde americano pautado na medicina liberal, cuja assistência fica a cargo das seguradoras de saúde, e comparando-o com países que possuem a medicina estatizada através de sistemas nacionais de saúde: Canadá, Inglaterra e Cuba.

A questão proposta pelo diretor é: “Por que nós, no maior país ocidental industrializado, não temos uma cobertura gratuita e universal do sistema de saúde?”. A paternidade do sistema privado de saúde é atribuída a Richard Nixon (presidente dos EUA) e a John Ehrlichman (conselheiro de Nixon), cuja conversa de 17 de Fevereiro de 1971 foi recolhida por Moore junto ao Gabinete de Gravações da Sala Oval.

O estilo é o mesmo utilizado por Moore nos filmes anteriores: *Tiros em Columbine* e *Fahrenheit 11 de setembro*. Um documentário motivado por um tema polêmico, construído com dados secundários, relatos de casos e o especial senso de humor que o leva a abordar figuras públicas, a distribuir panfletos pelas ruas ou mesmo levar roupa suja para ser lavada na Casa Branca.

Considero este filme didático: ajuda-nos a fazer a defesa do SUS (Sistema Único de Saúde), desmistifica algumas críticas, tais como as filas de espera, a dificuldade em fazer exames complementares, a demora para receber tratamentos de maior complexidade e a pretensa remuneração aviltante dos profissionais de saúde.

No Brasil, o SUS foi viabilizado em mais de dez anos de luta pelo mo-

vimento da Reforma Sanitária, que congregou amplos setores da sociedade civil organizada e dos serviços de saúde. Até então, grandes parcelas da população (agricultores, ambulantes, empregados domésticos) não tinham acesso à atenção à saúde.

No Brasil, o SUS é responsável, além da assistência médica, pelo desenvolvimento de programas de educação em saúde; pelas ações de vigilância sanitária e epidemiológica; e pela atenção integral e universal da população em todos os níveis de complexidade.

Em que país o Estado oferece assistência integral para toda a população portadora da HIV/AIDS, câncer e problemas renais crônicos que exigem hemodiálise? Realiza a maioria dos procedimentos de alta complexidade, como as cirurgias cardíacas, internações psiquiátricas, transplantes de

órgãos? Não é com certeza os Estados Unidos de Bush e de Nixon, onde os políticos comprometidos com lobbies da indústria farmacêutica e seguradoras de saúde têm sistematicamente minado a discussão deste tema, é o que nos diz Michael Moore em *SO\$ saúde*.

Nos países onde há um sistema nacional de saúde, essa política impactou na diminuição da mortalidade nos grupos mais vulneráveis (crianças menores de um ano e na faixa pré-escolar, parturientes) e nos grupos tradicionalmente excluídos: negros, indígenas, migrantes e pobres. Serviços de saúde públicos e universais propiciam acesso facilitado à atenção em saúde de populações historicamente marginalizadas e melhora nos indicadores de nutrição, morbidade e mortalidade. Sistemas únicos de saúde representam uma política pública universal, socialmente controlada, financiada pelo Estado e direcionada pela integralidade, equidade e universalidade.

Mas o Sistema Único de Saúde brasileiro não está totalmente a salvo, como ocorre na Inglaterra. No Brasil, a grande mídia bombardeia intensamente o SUS, apontando e ampliando suas limitações e falhas e fazendo ouvidos de mercador frente a suas conquistas e mesmo em relação à inquestionável melhoria dos indicadores sanitários. Há sempre o perigo de desmonte e privatização do sistema, já que o Brasil e a América Latina, com seus milhões de famílias de classe média, representam um mercado potencial extremamente rendoso para as seguradoras de saúde.

O sistema nacional de saúde inglês foi estruturado no pós-guerra e atende atualmente quase que a totalidade da população inglesa por meio da política de saúde da família (um modelo que inspirou o Programa de Saúde da Família que vem sendo implementado no Brasil). Em *SO\$ saúde*, Moore visita uma farmácia, indaga sobre o preço dos medicamentos (que possuem um preço padrão pré-fixado), pergunta ironicamente ao farmacêutico onde está a seção de perfumes, alimentos e detergentes e faz uma visita domiciliar a um próspero médico de família.

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, o setor de planos de saúde surgiu e se consolidou à margem de qualquer controle do Poder Público e dos cida-



DIVULGAÇÃO

“Há sempre o perigo de desmonte e privatização do sistema, já que o Brasil e a América Latina, com seus milhões de famílias de classe média, representam um mercado potencial extremamente rendoso para as seguradoras de saúde”

dãos. Os conflitos entre as empresas e os consumidores vêm de muito tempo, e muitos deles ainda estão sem solução, já que a finalidade primordial dos planos de saúde é o lucro. Em 2000, as empresas que operam com planos de saúde lideraram o ranking de denúncias junto ao Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC)

brasileiro. As maiores reclamações se referem ao desrespeito à lei e prejuízos ao público, e as maiores vítimas são os idosos, na medida em que sofrem com os aumentos abusivos aplicados na mudança por faixa etária.

SO\$ saúde recebeu algumas críticas, como a de que o autor utiliza um raciocínio circular para tentar provar os seus próprios argumentos e a de que os sistemas nacionais de saúde não impactaram na saúde das populações. Estas críticas caem por terra frente aos dados estatísticos publicados pela OMS que mostram como Cuba, um país pobre e que tem sofrido historicamente com o bloqueio econômico, possui alto índice de desenvolvimento humano, e a segunda mortalidade infantil do continente, além de elevada expectativa de vida e padrão de excelência na atenção em saúde.

O final do filme é surpreendente: a equipe de filmagem realiza uma quixotesca viagem a Cuba acompanhada de um grupo de americanos que foram lesados pelo Estado ou pelas seguradoras. A idéia era ir a Guantánamo e usufruírem a atenção prestada pelo sistema de saúde penitenciário. Claro que não conseguem, porém são amistosamente acolhidos pelo povo cubano, recebem atenção médica gratuita e tratamento de “hermanos” pela solidária corporação de bombeiros de Havana. Sem dúvida, ponto para Cuba, para Moore e para os países que investem na saúde como direito da população e dever do Estado!

* Stela Meneghel é graduada em Medicina, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre e doutora em Medicina: Ciências Médicas pela mesma instituição e pós-doutora no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Autônoma, de Barcelona. Foi médica de Saúde Pública da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul por mais de vinte anos, atuando em vigilância epidemiológica e coordenando as atividades de ensino e pesquisa em epidemiologia junto à Escola de Saúde Pública da Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, no período 1980 a 1998. Atualmente, é professora da Unisinos. Na universidade, atua no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.

Invenção

Editoria de Poesia

Augusto de Campos

POR ANDRÉ DICK

Nascido em 1931, em São Paulo, Augusto de Campos é um dos maiores poetas e tradutores do Brasil. Faz parte do trio criador do movimento da poesia concreta, ao lado de seu irmão Haroldo e de Décio Pignatari, movimento que completou 50 anos em 2006. Publicou seus poemas nos volumes *Viva vaia* (3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001), *Despoesia* (São Paulo: Perspectiva, 1994) e *NÃO* (São Paulo: Perspectiva, 2003). Sua poesia tem uma preferência sobretudo por dois temas, a música e o silêncio, apresentando um aspecto visual construtivo na página, com fragmentações de palavras, o que não é possível reproduzir aqui (apenas os versos por extenso de alguns poemas). O título de um de seus livros, *Viva vaia*, lembra dos protestos que Caetano Veloso recebeu num festival de música nos anos 1960 (Caetano que, aliás, escreve um capítulo sobre Augusto na sua obra de memórias *Verdade tropical* e musicou seu poema “O pulsar”: “onde quer que você esteja / em marte ou eldorado / abra a janela e veja / o pulsar quase mudo”). Outro exemplo é o da série *Poetamenos*, de 1953, em que Augusto realiza um diálogo com a obra musical de Webern, valorizando o branco da página e as cores das palavras. No livro *Despoesia*, por sua vez, ele trabalha mais o silêncio temático (“poesia afazer de afasia” e “cego do falso brilho / das estrelas que escondem / absurdos mun-

dos mudos” são alguns versos), e dialoga com músicos de vanguarda, como Scelsi e Cage. Também retrata, no poema “limite”, o amor como uma ligação entre a impossibilidade e o infinito: “DO LIMITE QUE ME LIMITA / O OLHO ILUZ / CORPOR / UM GRITO QUE NÃO GRITA / AMOR / A ALMA INDIZ / AO INFINITO QUE INFINITA”. Com isso, a música e o silêncio são motes para Augusto tratar de uma certa melancolia moderna, caracterizada em “Pós-tudo”: “QUIS / MUDAR TUDO / MUDEI TUDO / ÁGORAPÓSTUDO / EXTUDO / MUDO”, passando de uma idéia revolucionária (“mudar tudo”) à clausura (“extudo / mudo”). Trata-se de uma espécie de desilusão contemporânea, já constatada em fragmentos de seu primeiro poema, *O rei menos o reino*, de 1951: “Já que não posso mais desencantar-te / Ao meu Canto que é antes Desencanto / Encanta-me contigo”. Segundo Arnaldo Antunes, entre “falar e calar”, os poemas de Augusto “parecem dizer o indizível, por não tentar dizê-lo, mas realizá-lo através da linguagem”.

Entre os livros que Augusto publicou de tradução, estão *Verso reverso* (São Paulo: Perspectiva, 1978), *O anticrítico* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), *Linguaviagem* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987), *À margem da margem* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989), *Invenção* (São Paulo: Arx, 2003) e *Poesia da recusa* (São Paulo: Perspectiva, 2006). É visto como um dos maiores

tradutores para o português de poetas como Mallarmé (*Mallarmé*, com Décio Pignatari e Haroldo de Campos. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991), Arthur Rimbaud (*Rimbaud livre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992), Gerard Manley Hopkins (*Hopkins - A beleza difícil*. São Paulo: Perspectiva, 1997), Cummings (*Poem(a)s - e. e. cummings*. São Paulo: Francisco Alves, 1999) e R. M. Rilke (*Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Perspectiva, 2001), entre outros, como Ezra Pound, Maiakóvski e John Donne. Em breve, lançará, pela editora Unicamp, o livro de traduções *Emily Dickinson: não sou ninguém*.

Augusto procura realizar, como ele mesmo observa em entrevistas, uma “tradução-arte”, que melhor consiga recriar para o português a sonoridade e as imagens do poema original. Ele se insere, neste caso, na escola de Ezra Pound, para quem a tradução era uma espécie de crítica e releitura da tradição. Sob esse ângulo, João Cabral de Melo Neto dedicou a Augusto o livro *Agrestes* e disse, numa entrevista de 1989, o seguinte a seu respeito: “[...] dentre os poetas mais moços que eu [Cabral nascera em 1920], ele é o sujeito com maior futuro literário e com mais espírito crítico”. O poema a seguir, “Brahma”, é do poeta e filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882), e sua tradução foi enviada por Augusto especialmente à IHU On-Line.

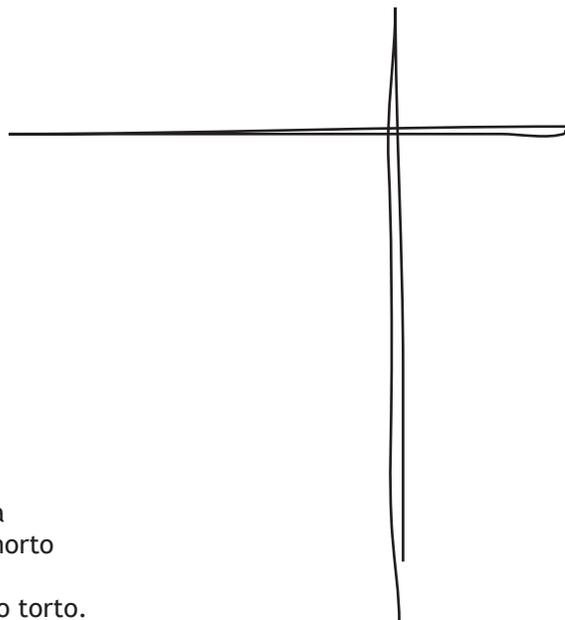
BRAHMA

Se o matador pensa que mata
E o morto pensa que foi morto
É que não sabem o que ata
Em meu caminho o reto ao torto.

O lá é aqui, o longe é perto.
A sombra e a luz, uma só flama.
Deuses me falam no deserto.
Iguais em mim a fama e a lama.

Ninguém escapa à minha vida.
Eu sou a asa do que voa,
Sou a dúvida e o que duvida
E a canção que o brâmane entoia.

Deuses anseiam por meu teto
E os sete sóis rondam-me em vão,
Mas o que ama o bem, secreto,
Tem o meu céu em sua mão.



Destaques On-Line

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 03-03-2008 a 07-03-2008.

A moda e as relações humanas

Alexandre Bergamo

Confira nas Notícias do Dia 01-03-2008

O doutor em Sociologia Alexandre Bergamo estuda a moda como uma importante parte das relações sociais. Nesta entrevista, ele explicou a importância de entendermos a moda hoje, de como é para um homem estudar um tema dito feminino e de como a roupa é um mediador de relações.

Tecnologia da informação e mercado de trabalho.

Nicholas Carr

Confira nas Notícias do Dia 03-03-2008

Conhecido como um dos mais importantes nomes do campo da tecnologia da informação no mundo, Nicholas Carr fala sobre as mudanças que podemos esperar para a TI e analisa a produção social na internet hoje.

‘A solução para os grandes problemas da humanidade não cabe no formato de uma mercadoria’

Tom Capri

Confira nas Notícias do Dia 04-03-2008

Tom Capri acaba de lançar o polêmico livro *Miséria da Ciência*. Ele contesta a ciência atual, desde a física e matemática até o jornalismo.

O celibato em debate: das origens às alternativas de mudança.

Dirceu Benincá

Confira nas Notícias do Dia 05-03-2008

Pe. Dirceu Benincá falou sobre a origem do celibato e as discussões atuais em torno deste assunto. Para ele, “o celibato tem sentido na liberdade de opção, na medida em que contribui para a evangelização”.

Em defesa da vida: a Igreja e a questão do aborto.

Lúcia Ribeiro

Confira nas Notícias do Dia 06-03-2008

Defender a vida é o intuito da Campanha da Fraternidade 2008. A partir disso, Lúcia Ribeiro fala de questões que problematizam essa questão, como o aborto. Para ela, o fato de, no interior da Igreja, estar imposto um pensamento único impede a compreensão da complexidade do tema.

‘Os limites do PAC são os mesmos do modelo econômico atual’

Paulo Passarinho

Confira nas Notícias do Dia 07-03-2008

Paulo Passarinho faz uma análise bastante crítica ao modelo econômico partindo do projeto que criou o PAC. Para ele, que rompeu com o PT em 2000, a surpresa em relação ao governo Lula foi que o padrão econômico adotado foi praticamente o mesmo do governo anterior. “Ele aumentou o superávit primário, manteve o câmbio flutuante e a política monetária continua baseada nessa história das metas de inflação”, disse.

As desigualdades entre homens e mulheres na disputa do poder

Ligia Mendonça

Confira nas Notícias do Dia 08-03-2008

No Dia internacional da Mulher, a socióloga Ligia Mendonça falou sobre a participação das mulheres nas instâncias de poder e nos momentos decisivos da história brasileira.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

acesse

www.unisinos.br/ihu



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 11-03-2008
<p>Páscoa 2008 - Um grito contra a violência <i>Cidade de Deus</i>, de Fernando Meirelles (2002) Prof. Ms. Marcus Mello - Usina do Gasômetro - Sala P.F. Gastal Profa. Ms Susana Rocca - Unisinos Horário: 19h30min às 22h Local: Auditório Central Unisinos</p>
Dia 13-03-2008
<p>IHU Idéias Celebração da Ceia Pascal Judaico-Cristã Presidente da celebração: Profa. Ms. Marie Ann Krahn - EST Horário: das 9h às 11h30min Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p> <p>Páscoa: a subversão da não violência Prof. Dr. Érico Hammes - PUCRS Horário: das 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>
Dia 15-03-2008
<p>Páscoa 2008 - Um grito contra a violência <i>Ônibus 174</i>, de José Padilha (2002) Profa. Dra. Fatimarlei Lunardelli - Unisinos Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta - Unisinos Horário: 8h30min às 11h45min Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>
Dia 17-03-2007
<p>Uma sociedade pós-humana? Uma visão a partir do cinema <i>Matrix</i>, de Larry Wachowski e Andy Wachowski Profa. Dra. Gláucia Angélica Campregher - Unisinos (manhã) Prof.Dr. Celso Cândido de Azambuja - Unisinos (tarde) Horário: 8h30min às 11h45min / 19h30min às 22h15min Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p> <p>Encontros de Ética A importância da Santa Ceia na tradição e na contemporaneidade Profa. MS Maria Rosicler Ferretto Barbosa - Unisinos Horário: 17h30min às 19h Local: Sala 1G119 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU</p>

“O que engendra a violência é a pobreza absoluta verificada nas periferias brasileiras”

Marcus Mello aponta a educação como solução para a desigualdade social no país

POR BRUNA QUADROS

Ao mesmo tempo em que gera revolta, a violência e a desigualdade social ganham a atenção do público. Este contraste, segundo o crítico de cinema Marcus Mello, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, é resultado de uma cultura midiática alicerçada no contexto social desfavorável. “O culto à violência em nossa sociedade já começa a ser incentivado desde muito cedo. Basta ligar a televisão e observar os desenhos destinados ao público infantil, quase todos de uma violência extrema”, destaca. Na visão dele, a origem da violência está diretamente ligada à desigualdade social, e um dos caminhos capazes de conduzir a sociedade à paz é a educação. “Acredito que é possível sim acabar com a desigualdade social, mas para isso não precisamos de ditaduras”, reforça Marcus Mello, que irá debater o filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, no dia 11 de março, o qual integra a programação do evento Páscoa 2008: um grito contra a violência, realizado pelo Instituto Humanitas Unisinos -IHU.

Marcus Mello é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Crítico de cinema, é editor da revista *Teorema* e colaborador das revistas *Aplauso* e *Cinética*. Em 2000, assumiu a função de programador da Sala P. F. Gastal, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre, primeiro cinema municipal de Porto Alegre, mantido pela Secretaria Municipal da Cultura.

Também organizou os livros *Cinema Falado - 5 Anos de seminários de cinema em Porto Alegre* (Porto Alegre: Unidade Editorial, 2001), *Sublime obsessão* (Porto Alegre: Unidade Editorial, 2003), de Tuio Becker, e *Trajetórias do cinema moderno e outros textos* (Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; A Nação, 2007), de Enéas de Souza.

IHU On-Line - *Cidade de Deus* é o retrato de uma das favelas mais perigosas do Rio de Janeiro, nos anos 1980, e leva às telas uma fria e escura realidade que cerca muitas famílias. Ao que se atribuiu o sucesso de um filme como este? Por que a violência é sucesso de público nas bilheterias?

Marcus Mello - Sem dúvida, o sucesso de *Cidade de Deus*, inclusive em nível internacional, foi uma grande surpresa. Não apenas pelo fato de que havia um preconceito histórico dos espectadores brasileiros em relação ao nosso cinema, mas por se tratar de um filme com um elenco de atores praticamente desconhecidos, que aborda um tema

“A situação de miséria numa favela é algo desumano, difícil mesmo de ser imaginado por quem desconhece essa realidade”

a princípio pouco atraente, assinado por um diretor com uma filmografia pequena e até então de pouca reper-

cussão. Porém, a inegável competência com que este projeto foi executado, incluindo aí um longo período de pré-produção, no qual o seu elenco de jovens atores foi exaustivamente ensaiado, até o esmero em relação a aspectos técnicos, como a fotografia, o som e a montagem, acabou seduzindo o público de imediato. Claro que não podemos esquecer aí o papel poderoso da Rede Globo, cujo apoio ao filme garantiu-lhe uma ampla e massiva divulgação à época do seu lançamento. É importante, no entanto, notar que o culto à violência em nossa sociedade já começa a ser incentivado desde muito cedo. Basta ligar a televisão e

“A pobreza brutaliza os indivíduos de forma muito cruel, o que origina as situações de barbárie com as quais temos convivido cada vez mais no Brasil”

observar os desenhos destinados ao público infantil, quase todos de uma violência extrema.

IHU On-Line - Embora a abordagem do filme seja sobre o tráfico de drogas, principal responsável pela violência na periferia, nas áreas em que o poder aquisitivo é maior, esta realidade também está presente. Neste sentido, o que causa a violência, tendo em vista que as dificuldades sociais, a princípio, só atingem as favelas?

Marcus Mello - A origem da violência está diretamente ligada à desigualdade social. O que engendra a violência é a pobreza absoluta verificada nas periferias brasileiras. A situação de miséria numa favela é algo desumano, difícil mesmo de ser imaginado por quem desconhece essa realidade. A pobreza brutaliza os indivíduos de forma muito cruel, o que origina as situações de barbárie com as quais temos convivido cada vez mais no Brasil.

IHU On-Line - A perspectiva de vida dos personagens centrais da trama (Buscapé e Zé Pequeno) é o que mais chama a atenção no filme. O primeiro cresceu na favela, mas seguiu com os estudos e tinha o sonho de ser repórter fotográfico, e o segundo entrou para o mundo do crime. É a falta de oportunidade que leva as pessoas para o tráfico ou é uma escolha ter esta vida, tendo em vista que a classe média também se insere no contexto do tráfico?

Marcus Mello - Sem dúvida. Um jovem pobre, sem estudo, criado desde o berço em meio à miséria, em lares freqüentemente marcados pela ausência paterna ou materna, muitas vezes negro, já está, *a priori*, excluído do

mercado de trabalho. O tráfico acaba sendo então quase que a única possibilidade concreta de “ascensão social” para essas pessoas. A contravenção é a forma que as pessoas encontram para sobreviver numa sociedade desigualitária, onde as oportunidades de um garoto branco, nascido numa família de classe média alta, são muito diferentes das oportunidades oferecidas a um garoto negro nascido numa favela. Infelizmente é assim. A explosão do tráfico está ligada a isso e também, obviamente, ao crescimento populacional nos grandes centros urbanos, com periferias cada vez mais habitadas, e mais miseráveis.

Já o envolvimento da classe média com o tráfico, e não só da classe média, porque suspeita-se participação de mega-empresários por trás dessas organizações criminosas, se dá, na maior parte dos casos, primeiramente, pelo consumo. Mas é evidente que muitas pessoas de classe média terminam traficando mesmo, caso de João Estrela, que teve sua história contada no recente *Meu nome não é Johnny*, com Selton Mello, grande sucesso do cinema brasileiro neste ano. Isto acontece pelo próprio fascínio que a contravenção exerce sobre determinados in-

divíduos, com sua promessa de dinheiro fácil e vida repleta de perigo e aventura. O próprio cinema contribui para isso, ao glamourizar a vida dos bandidos, muitas vezes retratados como anti-heróis destemidos e sedutores.

IHU On-Line - A solução para acabar com o tráfico de drogas seria a volta dos militares ao governo brasileiro? É possível acreditar que a opressão e a desigualdade social vão chegar ao fim?

Marcus Mello - A volta dos militares ao governo? Não acredito que alguém em pleno gozo de suas faculdades mentais possa pensar nisso como uma alternativa ao problema do tráfico. A ditadura militar quebrou o país, acabou com a liberdade de expressão, torturou e matou milhares de pessoas (ente eles, muitos professores e alunos universitários). A própria ampliação do caos social vivido nas favelas brasileiras e o início do império do tráfico, cuja gênese o filme de Fernando Meirelles registra muito bem, está situada na década de 1970, ou seja, no auge da ditadura militar. Sempre é bom lembrarmos do nosso passado recente nessas horas, não? Acredito que é possível, sim, acabar com a desigualdade social, mas para isso não precisamos de ditaduras. Precisamos, sim, é de um Estado competente e democrático, governado por políticos menos corruptos e mais comprometidos com o bem público. Precisamos, sobretudo, de mais investimentos em educação, e também de uma elite mais esclarecida e menos gananciosa, que não explore os menos favorecidos de forma tão violenta e desumana, como temos observado constantemente no Brasil.

“Acredito que é possível sim acabar com a desigualdade social, mas para isso não precisamos de ditaduras. Precisamos de um Estado competente e democrático, governado por políticos menos corruptos e mais comprometidos com o bem público”

Pesach: origens e história desta principal festa judaica e a sua ligação com a Páscoa cristã

POR MARIE ANN WANGEN KRAHN

“Os povos do mundo costumam ressignificar seus rituais conforme os eventos históricos que marcam as suas vidas. Assim aconteceu com o povo de Israel. Ao ser libertado do Egito, passou a ressignificar os elementos básicos desta festa primaveril para expressar a sua compreensão do que havia acontecido e ritualmente expressar a sua fé, seu louvor e sua gratidão ao Deus que os libertou”, afirma Marie Ann Wangen Krahn sobre as diferentes formas de celebrar o período pascal, neste artigo enviado à **IHU On-Line**. Segundo ela, o Pesach é a principal festa do ano judaico e relembra e celebra a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito.

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU abre espaço para a celebração da Ceia Pascal Judaica-Cristã, que será realizada das 9h às 11h30min, no dia 13 de março, na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, durante o evento Páscoa 2008: um grito contra a violência. Quem irá conduzir a celebração é a mestre em Teologia, pela Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão no Brasil, Marie Ann Wangen Krahn, professora de hebraico da Escola Superior de Teologia (EST) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. Eis o artigo.

Pesach é a principal festa do ano judaico. Ela relembra e celebra a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. Mas as origens desta festa remontam aos tempos semi-nômades de Israel.

O Pesach era um rito de sacrifício de um jovem animal, celebrado no primeiro mês do ano, Abib (ou Nissan), na primeira noite de lua cheia da primavera do hemisfério norte. Era um sacrifício realizado por pastores para assegurar a fecundidade do rebanho e a prosperidade do clã. O sangue era pintado originalmente nos postes das tendas e depois nos marcos das portas para espantar os poderes do mal ou o Exterminador. Era, portanto, um ritual apotrópico. Outros detalhes da festa mostram mais claramente a origem nômade: o animal era assado inteiro sobre o fogo aberto sem uso de utensílios de cozinha.

Mais tarde, o ritual nômade recebeu um acréscimo do âmbito rural: os pães ázimos sem levedura. A tradição de comer pães ázimos no início da época da colheita da cevada provém da antiga crença de que o novo (pão

“Os povos do mundo costumam ressignificar seus rituais conforme os eventos históricos que marcam as suas vidas. Assim aconteceu com o povo de Israel”

do cereal recém colhido) não se deve misturar ao antigo (levedo de pão velho). As ervas amargas teriam sido as plantas do deserto, com as quais os beduínos ainda hoje temperam as suas comidas. A refeição do Pesach deveria ser tomada com os cintos apertados, as sandálias nos pés e os cajados nas mãos, prontos para saírem de viagem.

Os povos do mundo costumam ressignificar seus rituais conforme os eventos históricos que marcam as suas vidas. Assim aconteceu com o povo de Israel. Ao ser libertado do Egito, passou a ressignificar os elementos básicos desta festa primaveril para expressar a sua compreensão do que havia acontecido e ritualmente expressar a sua fé, seu louvor e sua gratidão ao

Deus que os libertou. Assim sendo, a festa do Pesach se tornou a maior festa do calendário judaico, pois fala de sua libertação e salvação como povo escolhido de Deus. Os elementos básicos da ceia do Pesach de hoje contêm simbologias acumuladas desde as origens da festa. O vinho, que é tomado em quatro ocasiões durante a ceia, simboliza tanto o fruto da videira, que representa a vida, a alegria e o bem-estar que Deus criou e quer para nós, como também o sangue do cordeiro pintado nos marcos que poupou os israelitas da décima praga, a morte dos primogênitos. O sangue também representa, portanto, a salvação. As ervas amargas passadas em água salgada representam as plantas desérticas dos

“A festa do Pesach se tornou a maior festa do calendário judaico, pois fala de sua libertação e salvação como povo escolhido de Deus”

tempos nômades, que também são os frutos da terra. Ao mesmo tempo, porém, evocam a amargura, o suor e as lágrimas do tempo da escravidão.

Os pães ázimos, *matzot* (plural) ou *matzah* (no singular), relembram o pão da miséria do tempo em Egito, o pão que foi levado às pressas por ocasião da fuga do Egito, e o *mannah*, o pão que Deus fez cair todas as manhãs no deserto. O pernil de cordeiro relembra os sacrifícios antigos, tanto dos tempos nômades quanto na fuga do Egito. O sangue deste cordeiro foi a salvação do povo no passado e representa o sangue dos sacrifícios oferecidos no antigo templo de Jerusalém.

Quem conhece os rituais do cristianismo provavelmente já percebeu algumas semelhanças. Precisamos lembrar que Jesus era judeu. Ele celebrava as festas judaicas como qualquer judeu da época. A última ceia celebrada por Jesus com seus discípulos provavelmente foi a ceia do Pesach. Mas Jesus deu novos significados a alguns dos elementos. Ele se auto-denominou “pão da vida” e, ao partir os *matzot*, ele disse: “Este é o meu corpo dado por ti”. Quando ele tomou o cálice de vinho, falou que “esta é a nova aliança no meu sangue derramado em favor de ti”. E, quando cantamos “Cristo é o cordeiro pascal imolado por nós”, podemos fazer uma ponte direta com o cordeiro do Pesach, cujo sangue salvou o povo de Israel. No desenvolvimento desta festa, com todas as suas ramificações, chama a atenção há um fio vermelho que perpassa todas as fases: a vida plena, o bem-estar, o *shalom* que Deus quer dar ao seu povo e a toda a sua criação.

O sentido da Santa Ceia implícito na arte

POR MARIA ROSICLER FERRETTO BARBOSA

A imagem da Santa Ceia traz consigo uma subjetividade, o que não interfere na fé cristã. Para a Profa. MS Maria Rosicler Ferretto Barbosa, em nossas problemáticas universais, a mensagem do Cristo, via Eucaristia, “é sempre um espaço de esperança e de reflexão, na possibilidade de uma verdadeira justiça social e uma real comunhão na contemporaneidade”. Ela destaca que as possibilidades de interpretação da figura da Santa Ceia se reforçam através da arte, pois “passamos a relacionar a nossa subjetividade a subjetividade do artista. E é nessa condição que construímos um novo olhar. E, do meu ponto de vista, esta é uma experiência sensível de comunhão, de descentralização, onde passo a conhecer-me, identificar-me e relacionar-me com o outro”.

Maria Rosicler Ferretto Barbosa irá discutir a importância da Santa Ceia na tradição e na contemporaneidade, no evento Páscoa 2008: um grito contra a violência. O encontro é promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, será realizada no dia 17 de março, das 17h30 às 19h, na sala 1G119 do Instituto. A palestrante é graduada em Artes Visuais pela Feevale e mestre em Educação pela Unisinos. Atualmente, integra o corpo docente da Unisinos no PA em Pedagogia Educação do Olhar e na disciplina Teorias da Aprendizagem, para as licenciaturas compartilhadas das Ciências Humanas. Eis o artigo.

Estabelecendo como referência o cristianismo, na Igreja Católica, nosso olhar a partir da obra de Leonardo da Vinci¹, Tintoretto² ou W. Virgulino³, nos remete às simbolizações da

instituição da Eucaristia. Ato este possível de ser renovado no sacramento da comunhão, quando nos sentimos identificados com a mensagem simbólica da Santa Ceia. Esta obra apresenta uma perspectiva de vida e de mundo fundada nos princípios da comunhão, da solidariedade, da harmonia entre os seres, entre homens e mulheres. Em nossas problemáticas universais, a mensagem do Cristo, via Eucaristia, é sempre um espaço de esperança e de reflexão, na possibilidade de uma verdadeira justiça social e uma real comunhão na contemporaneidade. Creio que, em busca da permanência e vivência destes valores pregados por Cristo, muitas famílias mantêm em seus lares uma representação da Santa Ceia. É uma manifestação da Fé.

1 Leonardo Da Vinci (1452-1519): foi pintor, escultor, arquiteto, físico, engenheiro, botânico e músico do Renascimento Italiano. É considerado um dos maiores gênios da humanidade, devido à sua multiplicidade de talentos para ciências e artes, sua engenhosidade e criatividade, além de suas obras polêmicas. A mais conhecida delas é Mona Lisa (1507). (Nota da IHU On-Line).

2 Jacopo Robusti (1518-1594): mais conhecido como Tintoretto, foi, provavelmente, o último grande pintor da Renascença Italiana. Sua dramática utilização da perspectiva e dos efeitos da luz lhe tornaram um dos precursores do barroco. O primeiro trabalho a ter repercussão foi um retrato dele e de seu irmão, com efeito noturno. (Nota da IHU On-Line)

3 Wellington Virgulino de Souza (1929-1988): pintor brasileiro, de Recife. Fez a primeira exposição em 1954, quando vendeu as primeiras telas. A partir de 1967, passaria a viver exclu-

sivamente de sua pintura. (Nota da IHU On-Line)

A referida imagem, a partir das diferentes representações na História da Arte, apresenta variadas expressões. Leonardo da Vinci, por exemplo, ao criar a “Última Ceia” preocupou-se em revelar, de forma dramática e cênica, o que cada discípulo sentiu e expressou frente à frase do Mestre: “Em verdade, vos digo que um, dentre vós, me trairá”! Nesta representação, faz-se evidente a profunda intuição de Leonardo sobre a natureza íntima do comportamento e das reações dos homens e o poder da imaginação que o capacitou a colocar a cena ante nossos olhos. Nada havia nessa obra que se assemelhasse às representações mais antigas do mesmo tema. No mural do artista, há drama e excitação. Leonardo reverte o texto das Escrituras e esforça-se por visualizar como teria sido a cena quando Cristo revela que será traído. Assim, percebemos que a leitura da obra processa, inicialmente, a marca da subjetividade do autor ou do leitor, fundada nas experiências e na cultura de quem a produz ou de quem a frui. Lemos e/ou produzimos o que nos é significativo.

Mas, a partir do momento em que contextualizamos esta obra artística, amplia-se a leitura. Além de “ver”, passamos a “olhar”; isto é, a conhecer, a perceber, a pensar, a refletir a significar, a realmente ler com o olhar. Passamos a relacionar a nossa subjetividade à subjetividade do artista. E é nessa condição que construímos um novo olhar. E, do meu ponto de vista, esta é uma experiência sensível de comunhão, de descentralização, onde passo a conhecer-me, identificar-me e relacionar-me com o outro. Portanto, a arte é também um espaço de comunhão, pois através dela, numa perspectiva intemporal, interagem muitas pessoas centradas no mesmo tema. A convivência com a arte, mediada pelo professor, pelo artista ou conhecedor da arte, favorece a formação de pessoas mais sensíveis à sua condição humana e à sua realidade. Refletindo sobre este tema, cada um de nós poderá perguntar-se: qual é o sentido da Santa Ceia para minha família? Estarei exercitando cotidianamente a promoção da comunhão, da solidariedade e da espiritualidade?

A reinvenção do ser humano a partir da revolução das máquinas

Celso Candido de Azambuja analisa a sociedade contemporânea, diante da tecnologia, “uma invenção tão antiga e tão fundamental que transformou para sempre os destinos humanos”

POR BRUNA QUADROS



DIVULGAÇÃO

“Na verdade, a sociedade atual nada tem a temer relativamente a um suposto domínio das máquinas; isto é uma quimera. Antes, ela deveria se preocupar com aqueles que lidam e dominam as grandes máquinas sociais: da burocracia, do capital, da alienação, da comunicação, entre outras, e que poderiam estar representadas como elementos da Matrix contemporânea de dominação de amplas parcelas da população mundial.” A afirmação é do Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja que, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, em uma avaliação sobre a tensão entre seres humanos e suas máquinas, explorada no filme *Matrix*.

O reflexo da inserção dos meios tecnológicos na sociedade será discutido por Celso Candido de Azambuja, com a exibição do filme *Matrix*, de Larry Wachowski e Andy Wachowski, no dia 17 de março pela manhã, das 8h30min às 11h45min, e à tarde, das 19h30min às 22h15, na sala IG119 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A programação integra o evento Uma sociedade pós-humana? Uma visão a partir do cinema, promovido pelo IHU, em preparação ao Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias, que será realizado de 26 a 29 de maio na universidade. Para saber mais sobre o evento, acesse: www.unisinos.br/ihu.

Celso Candido Azambuja é mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutor em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, é coordenador do curso de Filosofia da Unisinos.

IHU On-Line - O filme *Matrix* revela uma realidade na qual as máquinas possuem domínio sobre os homens. Quais são as implicações deste fenômeno para a sociedade atual?

Celso Cândido - *Matrix* revela, através de um realismo tecnofuturista, uma perspectiva altamente complexa da experiência humana atual. É um filme que explora a tensão entre os seres humanos e suas máquinas. A sociedade de *Matrix*, no deserto de suas ruínas, está dominada por um sistema de máquinas inteligentes. Elas impõem aos homens e mulheres uma escravidão brutal: os indivíduos não são mais que “energia” para satisfação das necessidades das máquinas. E o que torna esta dominação ainda mais terrível é o fato de que, como diz Morpheus, o líder dos heróis da resistência e da insurreição, estes indivíduos são “escravos sem saber”. Mas é preciso ressaltar que não existe somente o “domínio das máquinas”. Há, também, resistência, insurreição, revolta e organização humana, com seus conflitos, paixões, desejos, traições. Existe disputa, confronto, inconformismo, além de um movimento de luta incessante ao logo do filme, culminando, por sinal, com a aparente vitória humana (e do amor) sobre as “máquinas diabólicas”. Na verdade, a sociedade atual nada tem a temer relativamente a um suposto domínio das máquinas; isto é uma quimera. Antes, ela deveria se preocupar com aqueles que lidam e dominam as grandes máquinas sociais: da burocracia, do capital, da alienação, da comunicação, entre outras, e que poderiam estar representadas como elementos da *Matrix* contemporânea de dominação de amplas parcelas da população mundial.

IHU On-Line - O homem já se utiliza de muitos meios “artificiais” no seu cotidiano. Estamos perdendo espaço para os meios eletrônicos?

Celso Cândido - A tecnologia é uma invenção propriamente humana; uma invenção tão antiga e tão fundamental que transformou para sempre os destinos humanos. Para o bem e para o mal, certo ou errado, a experiência humana na sociedade contemporânea seria inconcebível sem as tecnologias:

“O humano é uma espécie mutante, evolutiva, poderosa. Seus brutais instintos de domínio e destruição não são facilmente controláveis. Além disso, todos vivemos hoje sob o fantasma de virtuais guerras nucleares, de aumento da miséria e da violência urbana, de destruição bioambiental”

médicas, culturais, militares, científicas, estéticas. Soaria algo insensato propor um retorno à natureza, a uma natureza humana original, essencial, como se esta pudesse ser definida em alguma ideologia, ou perspectiva teórica. O humano é uma espécie mutante, evolutiva, poderosa. Seus brutais instintos de domínio e destruição não são facilmente controláveis. Além disso, todos vivemos hoje sob o fantasma de virtuais guerras nucleares, de aumento da miséria e da violência urbana, de destruição bioambiental. Absurda situação contra a qual nada nem ninguém consegue resolver em níveis minimamente satisfatórios. Este quadro não se refere só a este ou àquele país, este ou aquele continente: é o quadro da realidade global planetária, com aspectos certamente muito mais trágicos nas regiões e países mais pobres.

Ao mesmo tempo, o mundo está repleto de vida, vitalidade, de força, de vigor, mesmo e às vezes, muitas vezes, naqueles segmentos desfavorecidos ou carentes. A espécie humana conquistou o planeta terra e dá os primeiros passos para a conquista espacial. Os meios de comunicação, o cinema, a literatura, a moda, as artes plásticas, a música, a filosofia e a ciência contemporânea se desenvolveram espantosamente. Existe uma abundância e uma riqueza monumental no mundo de hoje também. Sem dúvida, vivemos em um ambiente repleto de meios eletrônicos. Entretanto, não se trata simplesmente de perder espaços para os meios eletrônicos. O que acontece é que a humanidade está reinventando o conjunto de suas relações cotidianas, afetivas, profissionais, educacionais a partir da emergência destes meios. É todo um processo emergente cujo desfecho final é impossível prever. O mais importante, em todo caso, é o modo criativo como as pessoas e as instituições, especialmente as educacionais, deveriam reinventar estas novas relações.

IHU On-Line - Muitas pessoas ainda se fecham para as novas tecnologias, embora estas surjam com o intuito de tornar tudo mais fácil. Estamos preparados para imergir neste novo conceito de sociedade moldado pela cibercultura?

Celso Cândido - O ser humano é uma espécie adaptativa. Atualmente, estamos explorando e nos adaptando às novas tecnologias. A intelectualidade letrada ainda guarda certo preconceito, e às vezes até certo ressentimento, em relação às mídias eletrônicas da cibercultura. McLuhan¹ já o disse quando se tratava do “gigante tímido” que era a televisão. Infelizmente, poucos ouviram ou entenderam McLuhan e ainda hoje o enorme potencial cultural e educativo da televisão continua re-

1 **Herbert Marshall McLuhan** (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). (Nota do IHU On-Line)

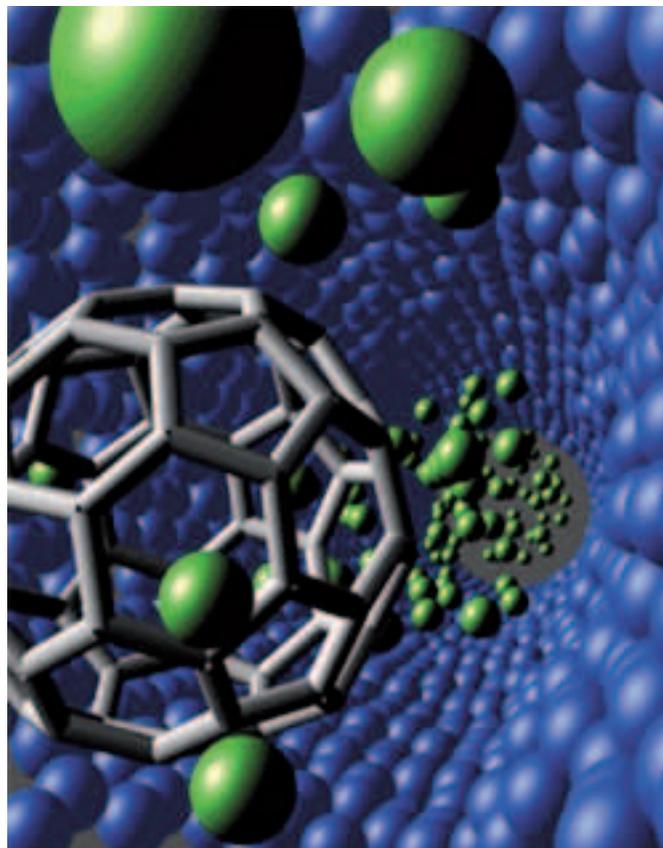
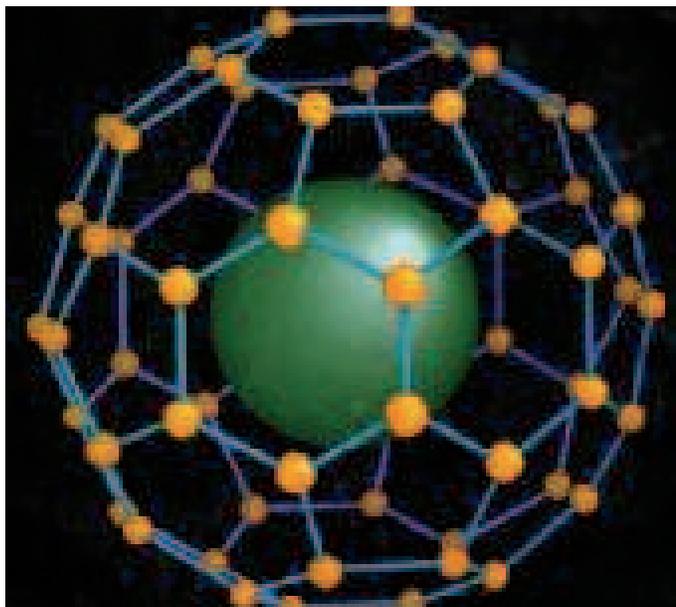
lativamente estagnado. De outro lado, muitos indivíduos ou não podem por razões socioeconômicas ou simplesmente se sentem incapazes de mergulhar na cibercultura. É difícil responder se as gerações que nasceram e se formaram na cultura literária ou massmediática, típicas do século XX, as quais hegemonizaram, por meio principalmente da indústria do livro e da televisão, a produção das significações imaginárias sociais, estão preparadas para a cibercultura. No entanto, o que parece certo é que as novas gerações estão se adaptando de um modo muito simples e natural aos novos paradigmas tecnoculturais impostos pela comunicação e pela cultura digital. No fundo, a cibercultura representa um grande potencial civilizatório para a humanidade. Mas ainda precisamos aprender a cultivá-la.

IHU On-Line - Sabemos que os avanços tecnológicos podem contribuir, e muito, principalmente com a ciência e a medicina. No entanto, a idéia do filme não nos remete a uma estagnação, tendo em vista que deixamos ter utilidade, diante do “mundo das máquinas”?

Celso Cândido - No filme, somos úteis aos propósitos das máquinas. A Matrix projeta um mundo virtual em relação ao que todos o vivem como sendo a própria realidade. É o império do simulacro. Entretanto, os humanos organizam sua resistência, lutam para transformar sua situação. Neste sentido, o filme passa uma mensagem na qual, finalmente, os humanos saem-se vitoriosos. Em certo sentido o filme é otimista, apesar de todos os aspectos críticos que ele releva.

IHU On-Line - É possível acreditar em um domínio das máquinas sobre os humanos? Que perspectivas podemos adotar, diante deste tema?

Celso Cândido - Do ponto de vista da filosofia, e não do da ficção, a questão colocada em termos de homens *versus* máquinas, máquinas *versus* homens é inadequada. Pois é impossível apreender a realidade de nosso tempo pressupondo esta contradição pouco dialética, quando o que acontece é exatamente o inverso. As máquinas,



“Para o bem e para o mal, certo ou errado, a experiência humana na sociedade contemporânea seria inconcebível sem as tecnologias: médicas, culturais, militares, científicas, estéticas”

as tecnologias, são extensões das habilidades e capacidades humanas. Os indivíduos estão cada vez mais fascinados pelas tecnologias contemporâneas; eles as desejam cada vez mais para ver, voar, andar, correr, amar, comunicar, criar. A sociedade atual não tem nada a ganhar “condenando” a atitude dos jovens e adultos e seu sempre crescente apetite por tecnologias. Mas tem certamente muito a perder, se não for capaz de inventar relações sociais, políticas e ambientais, culturais e educacionais, mais ricas do que aquelas que vimos experimentando na cultura de massas. Prefiro pensar esta tensão entre máquinas e seres humanos em um sentido mais metafórico. Assim, Matrix poderia ser considerada uma metáfora da condição humana contemporânea e, deste modo, como

metáfora das grandes máquinas que hegemonizaram e dominaram e dominam mais ou menos despoticamente os indivíduos no mundo contemporâneo, escravizando-os e alienando-os de seus inerentes potenciais humanos. Vivemos ainda hoje um período de escravidão física e mental para muitos seres humanos sobre o planeta. Escravizados por forças aparentemente invisíveis, mas de efeitos poderosos. Hoje e ontem, os seres humanos dominam e dominaram as máquinas reais. Estas são instrumentos de trabalho, de pesquisa, de comunicação, de cura e cuidado, de cultura. Instrumentos nas mãos humanas. Então, gostaria de propor uma inversão paradoxal e provocativa. Ao invés de diabolizar as máquinas, mais valeria nos perguntamos: o que nós, enquanto indivíduos, estamos

fazendo com estas máquinas, o que poderíamos e o que deveríamos fazer? Os meios tecnológicos são extensões dos humanos, e dificilmente um dia serão seus inimigos. O que ainda ontem ocupava um outro tempo, como os auditórios para ouvir música, os cinemas para assistir filmes, as bibliotecas para ler livros, hoje carregamos tudo no bolso em algum dispositivo nanotecnológico. O mais importante, a meu ver, são as grandes e diversas possibilidades culturais e educacionais presentes em tal universo tecnológico. Ainda estamos na pré-história de uma educação e da cultura digital *on-line*. Assim, é preciso insistir na pergunta: o que diante de tais potencialidades podemos e devemos fazer? Em todo caso, hoje e sempre, o futuro da humanidade pertence à própria humanidade.

VOCÊ JÁ IMAGinou QUE ALGUM DIA FALARÍAMOS EM FUTURO PÓS-HUMANO? OU, ALGO MAIS SURPREENDENTE, QUE HOMENS E MÁQUINAS PODERIAM SER UM SÓ: HÍBRIDOS?



ESSA DISCUSSÃO ESTARÁ PRESENTE NAS CONFERÊNCIAS E MINI-CURSOS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL UMA SOCIEDADE PÓS-HUMANA? POSSIBILIDADES E LIMITES DAS NANOTECNOLOGIAS. O EVENTO ACONTECERÁ NA UNISINOS ENTRE OS DIAS 26 E 29 DE MAIO DESTE ANO. A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO ENCONTRO JÁ PODE SER CONFERIDA ATRAVÉS DO NOSSO SÍTIU WWW.UNISINOS.BR/IHU.

Perfil Popular

A cada edição, a história de um membro da comunidade.

Olívia Carmem Pires de Almeida

POR BRUNA QUADROS

Há dois anos, Olívia Carmem Pires de Almeida se dedica ao trabalho na Pastoral da Criança, na Vila Brás, em São Leopoldo, onde mora. Mesmo não sendo remunerada, a dedicação às 46 crianças é intensa. Aos oito anos de idade, Olívia, por necessidade, precisou abrir mão da infância, e passou a trabalhar como babá. O sonho de ser professora também ficou para trás, e, hoje, aos 52 anos de idade, desejos materiais não interessam. O que ele mais quer é “ver o povo ser mais amigo”. Ao falar da perda dos pais, a emoção toma conta de Olívia. É por eles que ela está voltando a morar em Ijuí, “para não deixar um passado esquecido”. Durante a conversa com a reportagem da revista IHU On-Line, uma frase de Olívia foi a mais marcante: “Quando saí de casa, arrumei outra mãe, que foi Nossa Senhora”.

Confira, a seguir, a entrevista que abre a editoria Perfil Popular, em 2008:



BRUNA QUADROS

Origens - Ajuricaba, no interior do Estado, é a cidade natal de Olívia Carmem Pires de Almeida. “Até os meus seis anos, nós moramos lá. Depois, nós fomos para Panambi, onde meus pais moraram durante mais de 40 anos”, conta. Olívia, que é a segunda entre 13 filhos, relembra que se criou na colônia, trabalhando em tudo o que podia. “Quando eu tinha 14 anos, o meu pai se acidentou e perdeu um dos braços. Com isso, tiraram as terras dele (nós trabalhávamos nas terras dos outros) e, então, ele espalhou os filhos para trabalhar. Eu fui trabalhar em uma casa de comércio, na colônia. Fiquei lá por nove meses. Depois, voltei pra casa para ajudar o pai na rocinha”, comenta. Hoje, Olívia está com 52 anos, e faz 35 que deixou a vida no campo, “mas vivo sempre com o espírito de agricultora”, afirma.

Infância - A marca da infância de Olívia foi o esforço. “Desde os oito

anos de idade, eu ficava nas casas cuidando de crianças para poder ganhar o meu vestido, ganhar a minha comida e ajudar os meus irmãos”, conta Olívia.

Trabalho - Aos 17 anos, Olívia começou a trabalhar na cidade grande, deixando a vida na colônia para trás. “Trabalhei sempre como doméstica, porque estudei só até a 3ª série primária. Eu sonhei muito em ser professora, mas não pude”, lamenta. Embora não tenha tido um emprego que lhe pagasse corretamente, com seus direitos, Olívia se orgulha por nunca ter faltado pão na sua mesa. “Muitas vezes, eu fiz as contas e não dava para colocar os meus filhos em uma escolhinha ou

uma creche. Então, eu os levava junto para fazer limpeza em alguma casa, ou, quando pegava roupas para passar, passava empurrando com o pé o carrinho do bebê”, lembra.

Casamento - Olívia se casou aos 22 anos, com Getulio, em Cruz Alta. De lá, devido à falta de emprego na cidade, foi morar em Ijuí. “O meu sonho era de ser mãe, mas eu não queria que meu filho não tivesse um pai presente. Arrumei um companheiro que está comigo há 30 anos”, destaca, orgulhosa. Olívia diz que tinha medo do casamento, mas “minha mãe me preparou muito. Ela ameaçava dizendo que se eu aparecesse em casa com filho e

“Trabalhei sempre como doméstica, porque estudei só até a 3ª série primária. Eu sonhei muito em ser professora, mas não pude”

“Com o Lula no Governo, as coisas melhoraram para nós, que somos um povo ‘lascado’”

sem marido, era para eu voltar para onde fiz o filho”, conta. Hoje, Olívia é mãe de três filhos: Adriano, 28 anos; Jarbas, 26; e Rogério, 18. “Minha família é tudo para mim”, ressalta. O segredo para tantos anos de casamento é entender o significado do “sim”, dito no altar. “Não adianta casar num dia e separar no outro, porque os filhos ficam, e acaba sobrando para a Pastoral da Criança, a Prefeitura e o Governo se preocuparem com essas crianças”, salienta.

São Leopoldo - Olívia deixou Ijuí para morar em São Leopoldo por causa do seu filho mais velho, que já estava morando aqui. “Ele começou a caminhada com a Igreja lá em Ijuí, onde foi líder de grupo de jovens durante cinco anos, na comunidade. Durante sete anos, eu dei aula de catequese, e o meu marido sempre participou na diretoria da Igreja. Inclusive, a Igreja que está montada no bairro onde morei em Ijuí fomos nós que ajudamos a construir, desde o primeiro tijolo”, enfatiza Olívia. Através do emprego do seu filho na Prefeitura de São Leopoldo, uma nova oportunidade surgiu para Olívia. “Arrumaram uma casa na Vila Brás, no Colégio João Goulart, porque a gente não tinha dinheiro para pagar aluguel; ou a gente comia ou pagava o aluguel. Vim para morar um ano, mas gostei e acabei ficando”, afirma.

Volta - Embora goste de da cidade de São Leopoldo, Olívia está voltando para Ijuí, onde morou durante 27 anos. Além da falta de emprego para o marido, o retorno está relacionado com um motivo muito especial. “Quando meus pais morreram, deixaram um sítio de mais de 3 hectares, e a maioria dos meus irmãos não quer vender. Então, para não deixar um passado esquecido, estou indo morar lá”, confessa. Lá, o marido ainda não tem emprego fixo, “mas tem os biscates que, pelo menos para comer, dá”, avalia Olívia.

Militância - Olívia conta que sempre participou do Movimento dos Pequenos Agricultores. “Já fui para Brasília conhecer e lutar pelos direitos”, destaca. Em 2003, foi recebida pelo presidente Lula, ao lado de 1.500 mulheres companheiras na luta. “Ficamos acampados durante três dias, sofrendo bastante, mas com o objetivo de fazer com que as leis sejam cumpridas”, afirma. Além deste, Olívia já se envolveu em outros movimentos. “Quando os meus filhos estavam no colégio e as professoras me chamavam, eu ia sempre para as mobilizações do CPERS. Nunca deixei de lutar pelo melhor”, revela.

Economia Solidária - “Fiz um curso de customização de roupas com a Primeira-Dama de São Leopoldo. Daí, eu fui conhecendo outras mulheres, que me levaram até a Dica, do curso de Economia Solidária da Unisinos”, explica Olívia, que participou do curso no ano passado e gostou muito do aprendizado.

Trabalho na Pastoral - O trabalho na Pastoral da Criança, na Vila Brás, em São Leopoldo, começou através da Igreja. E esta não foi a única graça alcançada. “Pela Igreja, eu consegui tudo o que eu tenho, porque ali tu escuta o Evangelho e, conforme o palestrante, se é o ministro da eucaristia ou o padre, toca o coração da gente”, diz. Na rua onde mora, o trabalho atende a 46 crianças e é desenvolvido por três

pessoas. “Além das aulas de catequese, a gente orienta as mães, ensina como se faz o soro caseiro, para evitar a desnutrição. Este é um trabalho voluntário, mas parece que eu ganho muito salário”, salienta.

Valores - Nunca roubar nem se prostituir. Estes foram os principais ensinamentos que Olívia recebeu dos pais. “Quando eu saí de casa, arrumei outra mãe, que foi a Nossa Senhora. Eu sempre pedi para que ela não me deixasse cair na tentação de viver por viver; eu tinha que ter um objetivo. E ela sempre me atendeu”, destaca.

Igreja - O envolvimento de Olívia com a Igreja teve a influência dos seus pais. “Eu sempre quis muito entrar e entrei. Mesmo sem estudos, tenho o certificado de catequista”, conta. Embora esteja de mudança para Ijuí, Olívia vai voltar todos os meses, em função do curso de Teologia dos Leigos, em Novo Hamburgo. “Ganhei este presente do meu filho. No final do ano, vou receber o certificado”, comenta orgulhosa.

Fé - Para Olívia, a fé é a raiz de tudo. “Se tu não tem fé no Criador, tu tá perdida”, ressalta.

Sonho - “De ver o povo ser mais amigo. De eu dizer um ‘bom dia’ e a pessoa me responder com alegria”, ressalta. A falta de resposta em um ato tão simples entristece Olívia. “Isso me dói por dentro, porque Deus também não quer isso. Eu sou muito alegre e gosto de ver essa alegria nas pessoas. Até quando eu sei de uma coisa triste, de uma morte, por exemplo, eu fico alegre, porque aquela pessoa precisa de mim”, enfatiza.

“Quando eu saí de casa, arrumei outra mãe, que foi a Nossa Senhora. Eu sempre pedi para que ela não me deixasse cair na tentação de viver por viver; eu tinha que ter um objetivo. E ela sempre me atendeu”

“Já fui para Brasília conhecer e lutar pelos direitos. Ficamos acampados durante três dias, sofrendo bastante, mas com o objetivo de fazer com que as leis sejam cumpridas”

“O momento mais feliz foi quando eu encontrei o meu esposo, Getulio, Quando ele entrou na minha vida, não achei que fosse ser sério, mas nossa relação já dura 30 anos”

Momentos marcantes - Não há como se comover ao recordar dos pais e se dar conta da falta que eles fazem. Com o rosto molhado de lágrimas, Olívia contou que perder os pais (o pai morreu há 15 anos e a mãe há dois) foi a sua maior tristeza. “O momento mais feliz foi quando eu encontrei o meu esposo, Getulio, que aceitou o meu jeito e a minha história. Quando ele entrou na minha vida, não achei que fosse ser sério, mas nossa relação já dura 30 anos”, destaca.

Política brasileira - “Com o Lula no Governo, as coisas melhoraram para nós que somos um povo ‘lascado’”, afirma Olívia. Ela recorda que sofreu muito e criou os seus filhos no tempo dos “grandes”. “Só entrava no Governo quem tinha estudo, mas não sabia da nossa realidade aqui em São Leopoldo, Panambi. Para mim, Lula é o nosso Deus e ainda vai fazer muito por nós”, acredita.

Sala de Leitura

BRUNA QUERROS



“Estou lendo *Aprender a viver - Filosofia para novos tempos* (FERRY, Luc, Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, 302 p.) Em uma viagem de férias, o autor fora convidado por amigos a improvisar um curso de filosofia para pais e filhos. Vendo-se forçado a ir diretamente ao essencial, Ferry constatou não haver nas livrarias algo semelhante ao que estava elaborando. *Aprender a viver* é fruto daquelas reuniões e ainda conserva o estilo coloquial e direto. É uma obra simultaneamente modesta e ambiciosa. Modesta por se dirigir a um público não especializado, e erudito porque o autor evitou distorcer ou deturpar as grandes linhas do pensamento filosófico apresentadas. Isso explica, certamente, o grande êxito e adesão que já obteve. Esta obra me encanta por seu estilo positivo, harmonioso e candente, pela forma direta e precisa com que aborda algumas das maiores etapas históricas do filosofar, tendo sempre em vista a resposta às mais profundas questões que nos colocamos como humanos. Embora se considere basicamente não crente em Deus, Ferry revela o mais profundo conhecimento e respeito pela filosofia cristã, pelas grandes linhas do pensamento teológico da Igreja e pelas respostas positivas nelas encontradas para questões candentes como a mortalidade que, como término progressivo inevitável de nossa existência, nos afeta tão profundamente.”

Benno Dischinger é licenciado em Filosofia e doutor em Teologia. É professor jubilado de Filosofia e Ciências Humanas da Unisinos. Também foi professor de filosofia no Colégio Sinodal e na Universidade Luterana do Brasil - Ulbra. Atualmente, é tradutor de textos em alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e latim do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

DIVULGAÇÃO



“No momento estou lendo o livro *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*, do biólogo evolucionista Jared Diamond (2. ed. São Paulo: Editora Record, 2005, 685 p.). Este livro dá continuidade à obra premiada *Armas, germes e aço*. O primeiro livro discute os fatores que determinaram a ascensão e dominação de algumas civilizações sobre outras. Este segundo centra o foco na análise dos fatores que determinaram o fracasso das civilizações. É interessante olhar para as sociedades do passado não com os olhos do admirador, romântico, das suas façanhas, mas com o olhar crítico de quem vê ruínas, portanto fracassos. Ambos lembram que fatores ecológicos, embora não deterministas, podem ser determinantes das histórias de sucessos e fracassos. A mensagem: a natureza impõe limites e oferece oportunidades que, quando ignorados pela arrogância social, resultam em fracassos e, quando explorados com sabedoria, resultam em sucessos. É uma leitura obrigatória em nossos tempos.”

Demétrio Luis Guadagnin é biólogo, doutor em Ciências Biológicas, e pesquisador do PPG em Biologia da Unisinos. Professor de Ecologia, Manejo de Vida Silvestre, Desenvolvimento Sustentável e Sociologia Ambiental, é também presidente do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

IHU Repórter

Maria Aparecida Rocha

POR BRUNA QUADROS

Trabalhando na Unisinos desde 1986, no curso de Serviço Social, Maria Aparecida Marques da Rocha carrega com orgulho uma de suas maiores conquistas: a criação do Serviço de Atenção ao Acadêmico, vinculado à Diretoria de Ação Social e Filantropia (DASF), que funciona, atualmente, junto ao Instituto Humanitas Unisinos. Engajada em causas sociais, ela sempre almejou contribuir com a realização pessoal de quem acredita que a vida não perde o valor, mesmo diante de situações difíceis, sejam elas econômicas ou sociais. Nascida em Porto Alegre, Maria Aparecida teve uma infância privada de luxos, mas muito digna, a qual lhe faz sentir vontade de voltar no tempo. O orgulho de ser negra é uma das marcas fortes de sua personalidade, que lhe abriram portas para um crescimento na vida. Confira a entrevista.

Origens - Sou natural de Porto Alegre. O meu pai, natural de São Francisco de Paula, na serra gaúcha, é oficial de justiça do Estado aposentado, e a minha mãe, também de Porto Alegre, dona-de-casa. Antes de ser casada, ela foi secretária de uma grande casa de moda. Casou-se aos 25 anos e, como era tradição da época as mulheres cuidarem do lar, resolveu ficar em casa cuidando dos filhos; eu, minha irmã e meu irmão. Sou a mais velha e estou com 47 anos.

Infância - Perto da casa onde eu morava, existia um riacho e nós caminhávamos sobre as pedras. Passei minha infância no bairro Medianeira, em Porto Alegre. A gente brincava muito de pular sapata, de pega-pega. Eu adorava ler gibí. Nossa família foi uma das primeiras, no bairro, a ter televisão. O meu pai sempre trabalhou para que a gente tivesse tudo em casa. Não era nada de luxuoso, mas tudo muito

organizado. Não cheguei a ter bicicleta, porque, na época, meu pai não podia dar. Mas eu lembro que eu tinha uma lambreta e nós saíamos por tudo. Foi um período bom, do qual eu tenho saudades.

Valores - O estudo era o principal na casa. Meus pais sempre diziam que tínhamos que estudar se quiséssemos ser alguém na vida. O valor do estudo é muito importante, além da honestidade e o valor de ser negro, de ter orgulho do que se é.

Estudos - Entrei no jardim de infância com seis anos e sempre fui muito estudiosa, tirava as melhores notas, o que também se deve ao incentivo que eu tive em casa. Estudei toda a minha vida em escolas públicas. O cursinho pré-vestibular e o meu ensino superior foram em instituições particulares. Fui a primeira filha e a primeira neta por parte de mãe a entrar em uma universidade.



BRUNA QUADROS

Graduação - Sempre quis ser professora. Minha mãe tinha algumas amigas que eram assistentes sociais e, ouvindo-as falar, fui me interessando pelo trabalho na comunidade, pelo contato com o outro, pela possibilidade de trabalhar com a promoção social e discutir políticas públicas. Eu queria trabalhar na relação de afeto e de ajuda, mas que também fosse de forma profissional e me possibilitasse um aprendizado e um crescimento. Entrei para a faculdade com 17 anos e saí com 21. Optei pela Assistência Social, porque acreditava que seria feliz. Exerço a profissão há 26 anos, adoro o que faço e vejo que as pessoas também me reconhecem.

Trabalho - Depois do meu primeiro semestre na universidade, comecei a trabalhar à tarde, como orientadora em uma das primeiras creches de Porto Alegre, a “Babylândia”. Em 1980, comecei um estágio remunerado no